



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**AS ESTRUTURAS DE CAUSA E CONSEQUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DO
PORTUGUÊS-POR-ESCRITO COMO SEGUNDA LÍNGUA PELOS SURDOS**

Layane Rodrigues de Lima

Brasília - DF
2010

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**AS ESTRUTURAS DE CAUSA E CONSEQUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DO
PORTUGUÊS-POR-ESCRITO COMO SEGUNDA LÍNGUA PELOS SURDOS**

Layane Rodrigues de Lima

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniele Marcelle Grannier

Brasília - DF
Março 2010

Folha de Aprovação

Dissertação de autoria de Layane Rodrigues de Lima, intitulada “As Estruturas de Causa e Consequência na Aquisição do Português-Port-Escrito Como Segunda Língua Pelos Surdos”, requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, defendida e aprovada, em 04 de março de 2010, pela banca examinadora constituída por:

Prof^a. Dr^a. Daniele Marcelle Grannier
Universidade de Brasília
Presidente

Prof^a. Dr^a. Lúcia de San Tiago Dantas Barbosa Quental
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Titular

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Monteiro Sales Corôa
Universidade de Brasília
Titular

Prof^a. Dr^a. Marcia Elizabeth Bortone
Universidade de Brasília
Suplente

Aos meus pais, Sinval e Lauriça,
pelo amor e constante incentivo aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me permitido viver e por me dar forças para finalizar mais uma etapa da minha vida. Certamente, sem a ajuda divina nada disso teria sido possível. Ele me deu a orientação necessária a fim de que em meu caminho cruzassem as pessoas certas, sem as quais este trabalho não teria sequer sido iniciado, e por isso eu agradeço de coração:

À minha orientadora, Daniele Grannier, pela confiança, pelo acolhimento e principalmente pela paciência em me orientar em um trabalho cheio de desafios.

Às professoras Maria Luiza Corôa, Lúcia Quental e Márcia Bortone, que aceitaram o convite para participar da banca examinadora.

Aos professores de Mestrado, que tanto me ensinaram: Rozana Naves, Dionei Gomes, Orlene Carvalho e Maria Luiza Corôa.

À equipe da Secretaria da Pós-Graduação, especialmente à Renata, pelo sempre prestimoso atendimento às minhas constantes dúvidas e solicitações.

Aos meus pais, Sinval e Lauriça, pela compreensão e apoio em todos os momentos da minha vida.

Ao meu irmão, Lucas, pelo socorro e pelas “aulas” no computador.

À minha querida amiga, companheira, exemplo, Margot Latt Marinho, pois sem ela não sei como teria começado essa pesquisa. Agradeço, especialmente, por compartilhar comigo o seu rico e profundo conhecimento na Libras e na comunidade Surda.

À equipe do Centro de Apoio aos Surdos: ao diretor Cláudio Gomes, por permitir minha entrada na instituição e, em especial às professoras: Margot, Carla e Luciene, por cederem suas aulas e suas experiências tão significativas sobre a comunidade Surda e sua língua.

Aos meus companheiros, guerreiros e amigos de Mestrado: Lidiane, Lauana, Cíntia, Maxwell e Carol Queiroz, pelo incentivo nas horas mais difíceis da vida acadêmica e por não me deixarem desistir.

À CAPES pelo apoio financeiro no primeiro ano da pesquisa.

E, por fim, aos Surdos, que tanto me ensinaram e continuam me ensinando sobre sua maravilhosa língua e cultura.

A todos, o meu MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Este trabalho analisa a expressão de causa e consequência nas interlínguas dos surdos aprendizes de português como segunda língua. A pesquisa foi baseada em produções escritas coletadas em quatro sessões entre os anos de 2008 a 2009, que tinham como objetivo investigar os usos espontâneos e direcionados da expressão de causa e consequência do português e identificar uma possível ordem de aquisição. Os treze informantes são portadores de surdez severa ou profunda, usuários de Libras e alunos do Centro de Apoio aos Surdos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Na análise dos dados, as interlínguas foram definidas com base em dois critérios extraídos do uso espontâneo e direcionado da expressão de causa e consequência. O primeiro critério é dividido em seis tipos, cujo objetivo foi verificar a utilização da ordem, cronológica ou não-cronológica, e do conectivo nos usos espontâneos. No segundo critério, por sua vez, identificaram-se três tipos de usos dos conectivos *porque* e *por isso*, definidos de acordo com a correspondência com a língua-alvo. Com base nesses critérios, foram definidas três interlínguas distintas: básica, intermediária e avançada. Conclui-se que a ordem cronológica é a primeira utilizada na interlíngua básica. Constatou-se ser a aquisição do conectivo *porque* a primeira a ocorrer e, apenas posteriormente, haver a aquisição do conectivo *por isso*, possivelmente por influência da Libras. Os resultados fornecem novos subsídios para o ensino de português como segunda língua a surdos.

Palavras-chave: Interlíngua, português, causa e consequência, Libras, surdos

ABSTRACT

This work examines the expression of cause and consequence in the interlanguage of deaf learners of Portuguese as a second language. The research was based on written texts collected in four sessions during 2008 and 2009, which had the objective of investigating the spontaneous and directed usage of the Portuguese expression of cause and consequence and also had the objective of identifying a possible order of acquisition. The thirteen participants are deeply deaf, use Libras (Brazilian Sign Language) and study at Centro de Apoio aos Surdos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (Centre of Support for Deaf People of Distrito Federal's Secretary of Education). After analyzing the data, the interlanguages were defined based on two criteria extracted from spontaneous and directed usage of the cause and consequence expression. The first criterion is divided into six types, which have the objective of verifying the chronological or non-chronological order and the connective used during the spontaneous usage. For the second criterion, in turn, three different types of usage of the connectives *because* and *because of that* were identified and, then, defined according to the correspondent in the target language. Based on these criteria, three different interlanguages were defined: basic, intermediate and advanced. We concluded that the chronological order is the first one used in the basic interlanguage. We observed that the acquisition of the connective *because* comes first, and then comes the acquisition of the connective *because of that*, possibly for influence of the Libras. The results generate data for teaching Portuguese as Second Language to deaf learners.

Key-words: Interlanguage, Portuguese, cause e consequence, Libras (Brazilian Sign Language), deaf people.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Quadro teórico	
2.1 Aquisição de primeira e de segunda língua.....	4
2.1.1 Inatismo.....	4
2.1.2 Aquisição de língua de sinais como primeira língua por surdos.....	6
2.1.3 Aquisição de segunda língua.....	8
2.1.3.1 Características gerais do processo de aquisição de uma L2.....	8
2.1.3.2 Aquisição do português-por-escrito pelos surdos.....	10
2.2 Funcionalismo.....	12
2.3 Semântica.....	13
2.3.1 Semântica formal.....	13
2.3.1.1 Operadores e conectivos.....	14
2.3.2 Semântica argumentativa.....	15
2.3.2.1 Conectivos lógicos e operadores argumentativos.....	15
3. Análise das expressões de causa e consequência	
3.1 A expressão de causa e consequência em português.....	17
3.1.1 Gramáticas.....	17
3.1.1.1 Bechara.....	18
3.1.1.2 Cunha e Cintra.....	19
3.1.1.3 Neves.....	20
3.1.2 Estudos semânticos sobre a relação de causa e consequência.....	21
3.1.2.1 Ducrot.....	21
3.1.2.2 Vogt.....	22
3.1.2.3 Koch.....	24
3.2 A expressão de causa e consequência em Libras.....	25
3.2.1 Dicionários de Libras.....	25
3.2.1.1 Dicionário Ilustrado Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.....	26
3.2.1.2 Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais.....	29

4. Metodologia	
4.1 Estudo misto: longitudinal e transversal.....	34
4.2 Coleta de dados.....	35
4.2.1 CAS.....	35
4.2.2 Informantes.....	36
4.2.3 <i>Corpus</i>	40
4.2.3.1 Roteiros para as coletas.....	40
4.2.3.2 Constituição do <i>corpus</i>	42
5. As interlínguas dos surdos: a expressão de causa e de consequência no português-por-escrito	
5.1 Tipos de expressão de causa e consequência no PPE.....	43
5.1.1 Tipos de expressão de causa e consequência nos usos espontâneos.....	44
5.1.2 Tipos de expressão de causa e consequência nos usos direcionados.....	47
5.2 Critérios para a identificação das interlínguas.....	50
5.3 Análise dos dados.....	53
5.3.1 As interlínguas dos informantes.....	54
5.3.2 Informante AA.....	56
5.3.3 Informante AB.....	61
5.3.4 Informantes AC, AD, AE, AF e AG.....	67
5.3.5 Informante AH.....	73
5.3.6 Informante BA.....	76
5.3.7 Informante BB.....	81
5.3.8 Informantes CA, CB e CC.....	87
5.4 Conclusões sobre a análise.....	94
6. Considerações finais	96
Referências Bibliográficas	98
Anexos	102

INTRODUÇÃO

Devido ao desconhecimento do estatuto da Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) como primeira língua (doravante L1), tratou-se tradicionalmente do ensino de Português para surdos como a superação de uma deficiência e, com isso, surgiram metodologias de ensino do Português associadas a tratamentos fonoaudiológicos. O estudo científico e uma melhor compreensão deste fenômeno, assim como sua repercussão em ações de política linguística e no ensino de línguas para surdos, somente aconteceu em épocas recentes, a começar pelo trabalho pioneiro da linguista Lucinda Ferreira (1993, 1995, 1998).

Apenas com o Decreto 5.626 do ano de 2005, que regulamentou a lei (Lei 10.436/02) que reconhece a Libras como língua oficial do Brasil e primeira língua da comunidade surda, é que o ensino de português para surdos vem sendo tratado de fato como ensino de uma segunda língua (doravante L2).

Nos últimos anos, na tentativa de proporcionar uma inclusão dos surdos no ambiente escolar, a educação dita impropriamente de ‘bilíngue’ foi adotada, que consiste em manter em uma mesma sala um professor-regente, que se comunica com os alunos em português, e um intérprete educacional, que se comunica com os alunos surdos em Libras.

Porém, mesmo com a presença do intérprete e apesar de muitos professores se empenharem em proporcionar um ambiente adequado de ensino especial ao surdo, o que tem sido observado, muitas vezes, é o uso de recursos improvisados e a falta da adoção de uma metodologia e materiais didáticos específicos para o ensino de português como L2.

Com isso, têm-se observado que muitos surdos concluem a educação básica apresentando uma produção escrita em português bastante precária. Conforme ressalta Fernandes (2003), nos textos dos surdos temos o desrespeito à ordem convencional da língua, os enunciados produzidos são curtos, em que há a omissão de preposições, de verbos de ligação como ‘ser’ e ‘estar’, a troca de verbos e nomes (às vezes o nome substitui o verbo), além de problemas com

coordenação e subordinação, entre outras. Associado a esses fatores, tem-se considerado erroneamente a deficiência auditiva como uma deficiência cognitiva, o que muitas vezes leva o surdo a ser marginalizado porque este não apresenta uma produção escrita compatível à utilizada pelos ouvintes.

Assim, o presente trabalho terá como foco investigar o uso da expressão da relação de causa e consequência pelo aprendiz surdo de português como segunda língua. Verificaremos se nesse particular a L1 interfere na aquisição da L2 e de que forma isso ocorre. Tomaremos como base os pressupostos teóricos do funcionalismo, da semântica formal e argumentativa e das teorias de aquisição de primeira e de segunda língua.

Observamos na produção escrita dos surdos a utilização não-correspondente ao uso do português da ordem de causa e consequência e a ausência do uso de determinados conectivos, tais como o *porque* e seus equivalentes semânticos, e o *por isso*. Dessa forma, nossa pesquisa se propõe a descrever e a analisar os aspectos das *interlínguas*¹ que os surdos percorrem no seu processo de aquisição da expressão da relação de causa e de consequência do português. Examinaremos particularmente os usos das relações lógico-semânticas no processo de aquisição das estruturas que expressam causa e consequência.

Para esta análise, realizamos quatro coletas, entre os anos de 2008 e 2009, com 13 informantes surdos do Centro de Apoio ao Surdo, que é vinculado à Secretaria de Educação do Distrito Federal.

A dissertação encontra-se dividida em seis capítulos. No capítulo dois, dedicado ao quadro teórico que norteia este trabalho, apresentaremos, primeiramente, as teorias de aquisição de primeira e de segunda língua. Quanto à aquisição de L1, realizaremos uma contextualização no âmbito da hipótese inatista e ainda consideraremos os estudos sobre aquisição de língua de sinais, que comprovam que essas línguas são adquiridas naturalmente, como as línguas orais. Quanto à aquisição de L2, descreveremos características gerais do processo e, particularmente, da aquisição do *português-por-escrito*². Em seguida, apresentaremos os pressupostos teóricos da teoria linguística funcional. Consideraremos ainda a teoria semântica, nas linhas formal e argumentativa, principalmente no que se refere ao estudo dos conectivos e operadores.

¹ Esse termo foi utilizado por Selinker para caracterizar o sistema linguístico construído pelo aprendiz ao adquirir uma segunda língua, que apresenta propriedades de sua primeira língua (cf. capítulo 2).

² Expressão cunhada por Grannier (2002) para descrever o português dos surdos.

O capítulo três está voltado para as considerações sobre a expressão de causa e consequência em português e em Libras. Para a análise do português, examinaremos os dados encontrados nas gramáticas de Bechara (2004), Cunha & Cintra (2001) e Neves (2000), e na análise semântica examinaremos os dados identificados em Ducrot (1977), Vogt (1989) e Koch (2008, 2007, 2002). Em seguida, discutiremos sobre a expressão de causa e consequência em Libras com base em informações constantes em dicionários de Libras.

O capítulo quatro é destinado à metodologia e está dividido em duas seções. Na primeira seção, descrevemos o estudo misto empregado, dos tipos *longitudinal* e *transversal*. A segunda seção está voltada para a descrição da coleta de dados, em que identificamos a escola, os informantes e o *corpus* da pesquisa.

No capítulo cinco examinamos os fenômenos relativos à aquisição das estruturas que expressam causa e consequência no PPE nas interlínguas dos surdos observados nesta pesquisa. Inicialmente apresentamos os tipos de expressão de causa e consequência no PPE identificados nos dados obtidos nas coletas realizadas. Em seguida, apresentamos os critérios para a identificação das interlínguas dos informantes. A terceira seção é dedicada à análise dos dados da pesquisa e apresentação das interlínguas dos informantes. Na quarta seção, encontram-se as conclusões da análise.

Por fim, o capítulo seis apresenta as considerações finais desta dissertação.

QUADRO TEÓRICO

No presente capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que nortearão esta pesquisa. A primeira seção (2.1) é dedicada às teorias de aquisição de primeira e de segunda língua; na segunda seção (2.2), descreveremos a teoria linguística funcional e a última seção (2.3) volta-se para a teoria linguística semântica, de base formal e argumentativa.

2.1 Aquisição de primeira e de segunda língua

A aquisição de linguagem é uma área que vem ganhando destaque nas pesquisas da ciência Linguística. Através da linguagem expomos nossos pensamentos, emoções, crenças, medos, desejos e todo um conjunto de coisas que refletem o que se passa em nossas mentes. Por essa razão, o estudo da aquisição de linguagem é tão essencial para o entendimento da mente humana.

Nas próximas seções, apresentamos os pressupostos teóricos adotados para aquisição de linguagem, focalizando-se os indivíduos surdos: (i) hipótese inatista; (ii) teorias de aquisição de primeira língua e (iii) teorias de aquisição de segunda língua.

2.1.1 Inatismo

A hipótese inatista considera que todo o ser humano é dotado de uma capacidade inata para a aquisição de linguagem. Embora não tenha entrado em detalhes, Ferdinand de Saussure (1857- 1913), nos primórdios dos estudos linguísticos, já apontava para capacidade do homem de adquirir uma língua:

Não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas (Saussure 2001: 18).

Saussure acrescenta:

Existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência. [...] a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade (Saussure 2001: 18).

Dessa forma, todos os seres humanos nascem dotados de uma *faculdade da linguagem*, que, para Chomsky (1998), deve ser entendida como um órgão da mente humana, do mesmo modo que os sistemas visual e circulatório, por exemplo, são órgãos do corpo humano. Assim, o autor (op. cit.) postula que a faculdade da linguagem não é um órgão que pode ser removido do corpo, antes é um subsistema de uma estrutura mais complexa, uma expressão dos genes. A forma como isso ocorre, entretanto, ainda não é clara, sendo o estado inicial da faculdade da linguagem uma das áreas mais pesquisadas para compreender o processo de aquisição de linguagem.

O estado inicial da faculdade de linguagem é denominado Gramática Universal (GU). A GU é inata e contém um conjunto de princípios, que são universais, invariáveis e comuns a todas as línguas e um conjunto de parâmetros, que variam entre as línguas e dão origem tanto a diferenças entre as línguas como a mudança numa mesma língua. O trabalho da criança está em selecionar, a partir do *input*³, o valor (positivo ou negativo) que um determinado parâmetro deve receber. Em 1965, Chomsky propõe que a criança tem um dispositivo de aquisição de linguagem (DAL) inato que é ativado e trabalha a partir de sentenças (*input*) e resulta na gramática da língua particular com a qual a criança está em contato (cf. Santos, 2001).

Chomsky (1998) defende ainda que cada língua é o resultado da atuação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Para o pesquisador:

Podemos imaginar o estado inicial como um “dispositivo de aquisição de língua” que toma a experiência como “dado de entrada” e fornece a língua como um “dado de saída” – um “dado de saída” que é internamente representado na mente/cérebro (Chomsky 1998).

³ Input: termo que designa o conjunto de enunciados de uma língua que o aprendiz ouve e/ou lê (Krashen, 1981: 100).

A teoria inatista, portanto, não desconsidera o papel do ambiente como condição determinante do processo de aquisição de língua, pois por meio dele a criança obtém o *input*, ou seja, o dado de entrada. Para essa teoria, o comportamento e seus produtos não são vistos como objetos de investigação, mas como dados que podem fornecer evidências do processamento interno da mente.

Nesse contexto, nossa pesquisa considera, tendo como base a teoria inatista, o pressuposto de que a criança, ouvinte ou surda, nasce com a capacidade inata para a linguagem. A diferença da língua oral para a língua visual – espacial é que o *input* da primeira é captado, basicamente, pela audição e o da segunda pela visão. O *output* (dados de saída), para o surdo, se dá de maneira diferente. Enquanto nas línguas orais o *input* é proporcionado por meio dos sons da fala, nas línguas de sinais, por sua vez, ocorre pelos gestos e sinais.

2.1.2 Aquisição de língua de sinais como primeira língua por surdos

Nos estudos de aquisição de línguas de sinais como primeira língua (L1) por surdos têm-se confirmado as semelhanças entre o processo de aquisição de linguagem em crianças surdas e em crianças ouvintes. De fato, a aquisição da língua de sinais por crianças surdas, filhas de pais surdos, é perfeitamente comparável à aquisição de línguas orais-auditivas por crianças ouvintes.

A partir dos estudos de Pettito e Marantette (1991), Pettito e Bellugi (1988), Karnopp (1994), Fischer (1973), Hoffmeister (1978) Bellugi e Klima (1979), Lilo-Martin (1986), dentre outros, Quadros (1997) analisa os períodos pelos quais a criança surda passa no processo de aquisição da L1. Períodos esses presentes também na aquisição de L1 por crianças ouvintes.

As manifestações da linguagem no *período pré-linguístico* – que vai do nascimento a cerca de 14 meses – são comuns a todos os bebês, o que é um argumento favorável à hipótese inatista do processo de aquisição.

Essas manifestações, denominadas *balbucio* (ocorrendo por meio de sons e de sinais), analisadas por Pettito & Marantette (1991 *apud* Quadros 1997), são idênticas em bebês surdos e ouvintes até um certo tempo e, depois, conforme a adequação do *input* à respectiva modalidade de língua (oral-auditiva ou espaço-visual), vão assumindo algumas

peculiaridades. No caso dos bebês surdos, detectaram duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. Quadros (1997) explica que o balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. A gesticulação, por sua vez, não apresenta organização interna.

Com cerca de 12 meses de idade, o bebê surdo já ultrapassa o período pré-linguístico, atingindo o *estágio de um sinal*. Agora os antigos *gestos* são substituídos pelos primeiros *sinais*. Estes incluem as formas denominadas *congeladas* da produção adulta, pelo fato de não serem flexionáveis. Nesse estágio, a criança surda, segundo observações de Petitto & Bellugi (1988 apud Quadros 1997) na ASL (American Sign Language), faz uma reorganização básica do que já foi adquirido, na tentativa de eliminar o que não é linguístico. Apesar disso, ela ainda não faz uso dos dispositivos indicativos (apontamento) que envolvem o sistema pronominal das línguas de sinais (não aponta com o dedo indicador as pessoas do discurso).

Por volta dos dois anos de idade, no *estágio das primeiras combinações*, a criança surda já faz construções nas ordens S (sujeito) V (verbo), O (objeto) e, um pouco depois, SVO (segundo estudos de Fisher (1973) e Hoffmeister (1978) apud Quadros 1997), estabelecendo, dessa forma, as relações gramaticais.

Quadros (1995) levantou outros pontos relevantes sobre esse estágio a partir de estudos da aquisição da Libras. As combinações nessa etapa, segundo ela, são geralmente de 2 a 3 sinais. Nessas combinações, o objeto está sempre presente e o sujeito só não é expresso quando presente no contexto do discurso.

Por fim, aproximadamente aos dois anos e meio a três anos, as crianças surdas atingem o *estágio de múltiplas combinações*, em que, segundo Quadros (1997), há uma explosão do vocabulário, ocorrem distinções derivacionais, bem como formas idiossincráticas para diferenciar nomes de verbos, uso do sistema pronominal e supergeneralizações. Aos cinco anos, observa-se o domínio completo da morfologia da língua.

Assim, a aquisição de língua de sinais por crianças surdas, conforme os estudos acima apresentados, ocorre em período análogo ao de crianças ouvintes, o que comprova o fato de as línguas de sinais serem línguas naturais.

2.1.3 Aquisição de segunda língua

Os estudos em aquisição de segunda língua (L2) sugerem que o termo ‘segunda’ é geralmente usado para se referir a qualquer língua diferente da primeira. Ellis (1994) define a aquisição de L2 como “um caminho no qual uma pessoa aprende uma língua que não é a sua materna, a aquisição de segunda língua pode acontecer dentro ou fora de sala de aula”.

A aquisição de uma segunda língua (L2) difere em vários aspectos da aquisição de uma primeira. A L1 é adquirida naturalmente e de forma inconsciente, com sucesso. A aquisição de uma L2, por sua vez, ocorre de modo consciente e nem todos os indivíduos alcançam o sistema completo da língua-alvo.

A aquisição da L2 pode ocorrer em vários períodos na vida de uma pessoa: (i) simultaneamente à aquisição da L1 e (ii) posteriormente à aquisição da L1. Além do mais, há o fato de que nem todos os indivíduos adquirem uma L2, por isso, em muitos casos, a aquisição de uma L2 é opcional.

Ellis (1994) subdivide a aquisição de uma língua em dois grupos: a aquisição de uma segunda língua propriamente dita e a aquisição de uma língua estrangeira. Para o autor (op. cit), a aquisição de uma segunda língua desempenha um papel institucional e social na comunidade, é o caso do português para os surdos brasileiros (considerando que a sua primeira língua é a Libras). Já a aprendizagem⁴ de uma língua estrangeira envolve o estudo de uma língua que não é a oficial no país, é o caso das línguas estrangeiras aprendidas no Brasil, como o francês e o inglês.

2.1.3.1 Características gerais do processo de aquisição de uma L2

Nas pesquisas em aquisição de L2, algumas áreas têm recebido especial atenção: os erros, os fatores sociais e afetivos e o desenvolvimento do conceito de interlíngua. Vejamos cada um desses aspectos, abaixo.

⁴ Alguns autores, como Krashen (1981), diferenciam o termo ‘aquisição’ de ‘aprendizagem’. A ‘aquisição’ refere-se à obtenção inconsciente de uma língua e a ‘aprendizagem’ diz respeito ao aprendizado consciente de uma língua em ambiente formal de ensino. Neste trabalho, entretanto, não diferenciamos *aprendizagem* de *aquisição*.

(i) Os erros

No processo de aquisição de linguagem a presença de erros ou desvios é uma característica inerente ao sistema. Ellis (1994) relata que a presença de erros na aquisição de uma L2 é uma evidência de transferência da L1. Os erros ocorrem de forma sistemática e correspondem a processos universais. Corder (1967 *apud* Ellis 1994: 48) identifica três processos sobre os quais os erros podem ser vistos: (1) os erros fornecem ao professor informações sobre o quanto o aprendiz aprendeu; (2) os erros fornecem ao pesquisador evidências sobre como uma língua é adquirida e (3) os erros servem como dispositivos por meio dos quais o aprendiz descobre as regras da língua-alvo.

(ii) Variações

Um aspecto encontrado no processo de aquisição de uma L2 é a variação no uso de formas linguísticas da língua-alvo. Para Ellis (1994), os aprendizes alternam o uso de determinadas formas linguísticas de acordo com o contexto linguístico e o contexto situacional.

(iii) Fatores sociais e afetivos

Nas pesquisas sobre o processo de aquisição de L2, os fatores como personalidade, socialização, motivação, ambiente e outros, podem interferir diretamente nesse processo, o que explica o fato de que alguns aprendizes atingem com mais êxito a proficiência na língua-alvo do que outros.

(iv) Interlíngua

Selinker (1972) define interlíngua como sistemas intermediários entre a primeira língua, geralmente a materna, e a língua-alvo, e que possuem características próprias sendo influenciados não só por transferências da língua materna, mas também por outros fatores, inclusive elementos da própria interlíngua. Os estudos em interlíngua surgiram

como um desenvolvimento da pesquisa em análise de erros dos aprendizes de L2 em ambiente formal de aprendizagem.

Ferreira (1997) salienta que

Na aprendizagem de outras línguas que não são tipologicamente tão próximas, aceitamos a interlíngua dos alunos como um fenômeno linguístico absolutamente natural, e como um progresso do aluno em direção à língua-alvo. (Ferreira 1997)

Os dados da interlíngua revelam em que estágio de aquisição se encontram os aprendizes de uma L2. Assim, com base nos pressupostos acima apresentados sobre interlíngua, nossa pesquisa tem por objetivo caracterizar as interlínguas dos surdos no processo de aquisição do português como L2.

2.1.3.2 Aquisição do português-por-escrito pelos surdos

A aquisição de uma língua oral-auditiva por surdos, conforme Salles et al (2003), envolve questões complexas, tanto do ponto de vista cognitivo da representação mental do conhecimento linguístico, quanto do conhecimento extralinguístico, em que entram questões culturais, sociais e afetivas. A língua de sinais, por suas características de língua visual-espacial, constitui a modalidade mais adequada na aquisição de L1 pelo surdo. Porém, é desejável também que o surdo adquira a língua oral-auditiva da comunidade em que vive, aquisição essa que se caracteriza como uma L2. Nesse processo, o surdo torna-se bilíngue.

O bilinguismo de indivíduos surdos implica o uso da língua de sinais, usada pela comunidade surda, e a língua oral-auditiva, usada pela maioria ouvinte, de seu contexto social, na sua modalidade escrita.

Salles et al (2003) relatam que

O aspecto mais flagrante na aquisição de uma língua oral como L2 pela criança surda é que ela deve adquirir propriedades no nível fonológico e prosódico que seu aparato sensorial auditiva está impedido (ou parcialmente impedido) de aprender. No entanto, a criança surda pode ter acesso à representação gráfica dessas propriedades, que é a modalidade escrita da língua oral-auditiva. O

letramento é, portanto, condição e ponto de partida na aquisição da língua oral pelo surdo, remetendo ao processo psicolinguístico da alfabetização e à explicitação e construção das referências culturais da comunidade letrada (Salles et al 2003: 77).

Grannier (2007) ressalta que, por mais que a criança surda esteja rodeada de falantes de uma língua oral-auditiva, ela não está exposta, de fato, a essa língua, pois, por não poder ouvir, a criança surda não têm acesso ao *input* necessário para adquirir tal língua. A criança surda necessitará receber um *input* visual dessa língua. Por isso, a representação escrita de uma língua, seja ela alfabética ou não, constitui um veículo adequado para sua aquisição.

Nesse contexto, o português surge como uma L2 para os surdos brasileiros usuários da Libras como L1. Ressaltamos que a Libras tem um papel primordial na aquisição do português. A modalidade ideal para a aquisição do português pelo surdo, conforme já explicitado, é a escrita. Por isso, adotamos a expressão “português-por-escrito” (doravante PPE) cunhada por Grannier (2002), ao nos referirmos à modalidade escrita do português na aquisição pelo surdo.

Um aspecto a se destacar é o fato de que o PPE, em geral, é adquirido pelo surdo no ensino formal, ou seja, nas escolas. Muitas vezes, o *input* do PPE não é oferecido adequadamente ao surdo, pois os professores apresentam ao surdo o português como se fosse a primeira língua dele e priorizam o ensino de palavras novas (geralmente com pouca contextualização) em detrimento do trabalho com as estruturas da língua portuguesa. Tal ensino acarreta dificuldades para a aquisição da L2 pelo surdo, resultando no que se vem denominando “português de surdos”, em que o vocabulário é o da língua portuguesa, mas a estrutura é a da Libras. Acrescentamos a isso o fato de que, muitas vezes, para o surdo não é apresentada as diferenças entre o português formal e o informal.

Tendo em vista a existência desse quadro no processo de ensino/aprendizagem do PPE a surdos, Grannier (2007) apresenta uma proposta, composta de três fases ao longo das quais o aprendiz passa da iniciação à alfabetização em pré-português, à aquisição básica do português-por-escrito:

- (i) Fase 1: usa-se apenas o pré-português (apoiado, se necessário, pela “tradução em Libras”);

- (ii) Fase 2: introduz-se progressivamente o português-por-escrito como segunda língua e
- (iii) Fase 3: uso exclusivo do português-por-escrito na interação com falantes nativos de português.

A fase 3, que permite ao surdo interagir com falantes nativos do português, poderá ser feita por meio do bate-papo virtual, conforme descreve Grannier (2007). A autora (op. cit.) acrescenta que no bate-papo virtual os surdos têm uma interação autêntica em português, em situação informal, com ouvintes, o que aumentará o contato com a língua em diferentes contextos e também lhes permitirá consolidar sua aquisição, assimilando usos linguísticos novos e os aspectos pragmáticos de cada interação.

Desse modo, é necessário proporcionar aos surdos à exposição à língua portuguesa com metodologia adequada e específica para que o processo de aquisição dessa segunda língua permita a esse público oportunidades de contato e uso pleno dessa língua

2.2 Funcionalismo

A abordagem funcionalista considera que a linguagem é um instrumento da comunicação. Nessa perspectiva, as estruturas das expressões linguísticas são vistas em termos de funções, com características estruturais próprias na oração.

Para Neves (1997: 15), a gramática funcional considera a competência comunicativa como princípio básico, ou seja, a capacidade de usar e interpretar expressões de maneira interacionalmente satisfatória. A gramática funcional considera ainda o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe, segundo a autora acima citada (op. cit), “uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico”.

No paradigma funcional, conforme proposto por Givón (1984: 40), há integração entre os componentes *sintaxe*, *semântica* e *pragmática*. Para o pesquisador, a gramática não constitui uma simples lista de domínios funcionais não relacionados. A gramática funcional, porém, conforme aponta Nichols (1984 *apud* Neves 1997: 3), embora analise a estrutura gramatical, também inclui na análise a situação comunicativa por completo, a saber, “o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo” (op. cit).

Dessa forma, no quadro da linguística funcional, temos o *discurso* como um dos focos da investigação linguística. Du Bois (1993a *apud* Neves 1997: 29) afirma que “a gramática é feita à imagem do discurso”, de modo que há uma ligação entre as orações (fatores sintáticos e semânticos) e a organização discursiva (pragmática). Essa ligação revela a organização do quadro linguístico.

Um dos meios para identificar o sistema linguístico construído pelo aprendiz é o do texto. Assim, o texto na teoria funcional é entendido como qualquer produção oral e escrita que estabeleça a comunicação. Halliday (2004) afirma que não é possível explicar o que um texto significa com suas interpretações e valores sem o relacionarmos ao sistema linguístico como um todo.

Nessa perspectiva, adotamos os princípios da teoria funcional, considerando que a língua é um instrumento eficaz na comunicação, para a análise dos textos produzidos pelos informantes (cf. capítulo 5).

2.3 Semântica

A semântica é a ciência que busca descrever o significado e o sentido das palavras e sentenças nas línguas naturais. A semântica está no centro das interações comunicativas, do modo como se estruturam as nossas representações mentais e da estruturação de um texto.

Diante disso, adotamos os pressupostos teóricos das linhas semânticas: formal e argumentativa. Observemos nas seções seguintes a delimitação teórica de cada uma delas.

2.3.1 Semântica formal

A semântica formal tem como pressuposto básico o fato de que as relações dos significados são formais. Nessa linha teórica, o significado é entendido como uma relação entre a linguagem e aquilo sobre o qual a linguagem fala ou representa. Por isso, a semântica formal encaixa-se na abordagem referencial (Cançado 2005).

A semântica formal procura responder às seguintes perguntas: O que representam as expressões linguísticas? Como alcançamos o significado de expressões complexas a partir dos significados de suas partes?

Um dos focos da semântica formal têm sido as condições de verdade do significado. Nessa abordagem, o significado de uma sentença é o tipo de situação que ela descreve e que a descrição destas situações possíveis é equivalente às condições de verdade da sentença.

Para Tarsky (1944 *apud* Cançado 2005), dar o significado de uma sentença é dizer em que condições essa sentença seria verdadeira. Dessa forma, considerando as sentenças “Choveu” e “A rua está molhada” em uma relação de implicação do tipo ($p \rightarrow q$), em que p e q são metavariáveis e representam uma sentença qualquer, podemos obter sentenças complexas como:

$$P \Rightarrow Q$$

- a) V V V “A rua está molhada porque choveu”
- b) V F F * “Choveu porque a rua está molhada”
- c) F V V “Não choveu, mas a rua está molhada”
- d) F V F “Não choveu e a rua não está molhada”

antecedente consequente

Nos exemplos de (a) a (d), observamos a construção de sentenças complexas a partir das relações estabelecidas entre os termos *antecedente* e *consequente*. As sentenças (a), (c) e (d) são perfeitamente possíveis em português e, portanto, verdadeiras. Já a sentença (b), “choveu porque a rua está molhada”, é falsa, pois a troca entre o termo antecedente e o consequente altera o valor de verdade. Essas relações entre o termo antecedente e o consequente são, geralmente, estabelecidas por meio da escolha dos conectivos e/ou operadores.

2.3.1.1 Operadores e conectivos

Os operadores e conectivos na semântica formal, segundo Oliveira (2001), atuam sobre sentenças (simples ou complexas) e geram sentenças mais complexas. Um operador pode ser compreendido como uma função que toma uma sentença e atua sobre ela, transformando-a numa sentença mais complexa. Exemplo: “*João não é brasileiro*”: ‘não’ é um operador e atua sobre a sentença simples ‘João é brasileiro’ e gera a sua negativa ‘João não é brasileiro. Oliveira (op. cit) identifica o ‘não’ como “um operador extensional, logo o valor de verdade

da sentença complexa é função matemática dos valores das partes que a compõem” (Oliveira 2001: 142).

Os conectivos, por sua vez, ligam sentenças (simples ou complexas), gerando sentenças mais complexas. Exemplo: “*João é brasileiro e flamenguista*” não é uma sentença simples, antes se compõe de duas sentenças unidas pelo conectivo ‘e’. A sentença só será verdadeira se e somente se as sentenças que a constituem também o forem: *João é brasileiro* e *João é flamenguista*.

Assim, feitas essas considerações sobre semântica formal, consideremos agora a abordagem da semântica argumentativa.

2.3.2 Semântica argumentativa

A semântica argumentativa consolida-se na França, na década de 70, a partir dos trabalhos de Ducrot (1972). Nessa perspectiva teórica, a linguagem é um ato de convencimento, ou seja, entra em jogo o poder argumentativo, não interessando se uma sentença é falsa ou verdadeira.

A semântica argumentativa “postula que a argumentatividade está inscrita no nível fundamental da língua” (Koch, 2002: 19). Assim, a argumentatividade não é algo acrescentado ao uso da língua, antes tem por função identificar enunciados cujo traço constitutivo é o “de serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros” (op. cit.).

Um dos principais focos da semântica argumentativa está no estudo dos *operadores argumentativos* e *conectivos lógicos*.

2.3.2.1 Conectivos lógicos e operadores argumentativos

Alguns autores (Ducrot, Koch, Vogt) ao tratarem das relações estabelecidas entre duas orações ora usam a expressão *conectivo lógico* ora a expressão *operador argumentativo*. Os *conectivos lógicos*, segundo Koch (2008), estabelecem as relações lógico-semânticas entre orações que compõem um enunciado. O termo *operadores argumentativos*, por sua vez, conforme Koch (2007), foi cunhado por Ducrot a fim de designar “determinados elementos da

gramática de uma língua que têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção para o qual apontam” (KOCH, 2007: 30).

Koch (2002: 130) acrescenta que

Muito mais importante, porém, do ponto de vista da enunciação, são as relações do tipo discursivo, a que se podem denominar também de pragmáticas, argumentativas, retóricas ou ideológicas, e que são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos de enunciados, cada um dos quais resultante de um ato de linguagem particular. Esse encadeamento é feito, geralmente, por meio dos operadores argumentativos (ou operadores do discurso) (Koch 2002: 130).

Dessa forma, os operadores argumentativos são os responsáveis pelo encadeamento dos enunciados e estabelecem relações discursivas, pragmáticas ou argumentativas. Na sentença “*João veio trabalhar porque quer ganhar dinheiro*”, por exemplo, o operador *porque* introduz uma justificativa da asserção anterior. Koch (2008: 175) indica que se trata de uma nova enunciação, “que toma a primeira por tema”.

Portanto, consideramos a teoria semântica, de base formal e argumentativa, como um dos pressupostos teóricos para a análise dos enunciados produzidos pelos informantes.

Assim, apresentadas as considerações teóricas acima, verificamos que teorias de aquisição de primeira e de segunda língua fornecem a base para compreendermos as etapas pelas quais o surdo passa no processo de aquisição de linguagem e, conseqüentemente, podemos entender a sua interlíngua como um sistema linguístico analisado no quadro da teoria funcionalista e no quadro da semântica formal e argumentativa. Essa questão será retomada no capítulo 5, em que a interlíngua do surdo será analisada no que se refere ao uso da expressão de causa e consequência do português.

AS EXPRESSÕES DE CAUSA E CONSEQUÊNCIA

Neste capítulo, apresentamos uma análise das expressões de causa e consequência (doravante CAUS-CONS) identificadas em Português e em Libras. Primeiramente, examinaremos a expressão CAUS-CONS em Português encontrada nas gramáticas de Bechara (2004), Cunha & Cintra (2001) e Neves (2000), e na análise semântica identificada em Ducrot (1977), Vogt (1989) e Koch (2008, 2007, 2002). Em seguida, examinaremos a expressão de CAUS-CONS em Libras com base nas informações constantes em dicionários de Libras.

3.1 A expressão de causa e consequência em português

Há poucos estudos e descrições das relações de CAUS-CONS em português. Tais descrições são geralmente encontradas nos estudos sobre os conectivos e as conjunções. Assim, nesta seção, procuraremos apresentar a expressão de CAUS-CONS com base nas descrições encontradas em três gramáticas do português (Bechara, 2004; Cunha & Cintra, 2001 e Neves, 2000) e nas análises semânticas de três autores (Ducrot, 1977; Vogt, 1989 e Koch, 2008, 2007, 2002).

3.1.1 Gramáticas

Para a análise das construções de CAUS-CONS em português, selecionamos três gramáticas, sendo duas tradicionais, Bechara (2004) e Cunha & Cintra (2001) e uma de base funcionalista, Neves (2000). Vejamos, a seguir, as descrições e análises propostas em cada gramática.

3.1.1.1 Bechara (2004)

Nos estudos de Bechara (2004) sobre os conectores, os transpositores⁵ e as conjunções, que introduzem orações coordenadas e subordinadas, encontramos indicações a respeito da expressão de CAUS-CONS.

Bechara (2004) descreve as conjunções a partir do tipo de relação semântica que as mesmas marcam entre as orações. Os transpositores ou conjunções subordinativas, por exemplo, podem expressar diversas relações: comparativas, condicionais, concessivas, conformativas, causais e consecutivas.

Para o autor (op. cit.), as conjunções subordinadas causais ocorrem

Quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (=porque), *como* (=porque, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (como o verbo no indicativo), etc: Saiu cedo *porque precisou ir à cidade [...]* (Bechara 2004: 326).

As conjunções subordinadas consecutivas, por sua vez, ocorrem

Quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. (Bechara 2004: 327)

Dessa forma, as conjunções subordinadas causais e consecutivas introduzem, respectivamente, a causa e a consequência do fato anteriormente expresso, entretanto, não

⁵Bechara (2004) faz uma separação terminológica entre os termos *conector* (ou conjunção coordenativa) e *transpositor* (ou conjunção subordinativa) (BECHARA, 2004: 319). O conector tem como função reunir unidades independentes e o transpositor, por sua vez, “transpõe oração subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na oração complexa uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo” (op. cit. 2004: 323).

observamos uma indicação explícita da relação lógica e de dependência existente entre as proposições *p* e *q*, ou seja, uma consequência tem necessariamente uma causa.

No entanto, Bechara (2004) aponta que há certas unidades de natureza adverbial que manifestam valores de *causa* e fazem referência anafórica ao que foi expresso anteriormente, e aparecem como “*aparentes conectores de orações em grupos oracionais*”, como o “*pois, o por isso, o então, etc*” (Bechara 2004: 478). Tais conectores estabelecem uma dependência interna, mas no nível do texto.

Como se pode ver, Bechara trata da expressão da relação de CAUS-CONS de maneira indireta e não apresenta uma descrição explícita da relação.

3.1.1.2 Cunha & Cintra (2001)

Cunha & Cintra (2001), semelhantemente a Bechara, sinalizam a expressão de CAUS-CONS a partir das classificações das conjunções. Os autores (op. cit.) definem *conjunções* como vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração, e estas podem ser coordenativas ou subordinativas.

Segundo Cunha & Cintra (2001), as conjunções subordinativas introduzem orações de diversas naturezas, como as que denotam causa e consequência:

Causais (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque, pois, porquanto, como [=porque], pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que, etc.*: [...] Tio Couto estava sombrio, pois aparecera um investigador da polícia perguntando por Gevásio. (E. Veríssimo, LS, 137.) [...] Consecutivas (iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior): *que* (combinado com uma das palavras *tal, tanto, tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, etc.*: [...] Foi tão ágil e rápida a saída que Jandira achou graça. (C. dos Anjos, DR, 108.) [...] (Cunha & Cintra 2001: 586-8).

Verificamos que, assim como Bechara, Cunha & Cintra descrevem que as conjunções subordinadas causais iniciam a causa do evento expresso na oração posterior, e as conjunções subordinadas consecutivas iniciam a consequência do evento expresso na oração anterior. Contudo, não observamos também uma indicação explícita da relação lógica e de dependência existente entre as proposições *p* e *q*.

3.1.1.3 Neves (2000)

Neves (2000) identifica a relação causal - marcada pelo conector **porque** e seus equivalentes semânticos - como a conexão causa-consequência, ou causa-efeito, entre dois eventos. Convém salientar que a autora (op. cit) é a única a exemplificar que, no sentido estrito, tal relação envolve tempo, ou seja, subsequência temporal do *efeito* (ou consequência) em relação à *causa* (cf. 1):

(1) *Nossa conversa não foi adiante **porque**, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou.* (A)

Núcleo (efeito):	<i>Nossa conversa não foi adiante</i>	⇒ Posterior
Causal (causa real):	<i>porque, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou</i>	⇒ Anterior

Fonte: Neves (2000: 804)

Em (1), o efeito ou a consequência [*Nossa conversa não foi adiante*] é posterior à causa [***porque**, infelizmente, a confissão terminada, o reitor saiu do quarto e o ambiente logo mudou*] e, por isso, temos uma relação temporal entre o núcleo (efeito) e a causal (causa real).

Neves (2000: 807) salienta que, em termos de enunciados reais, a noção de causalidade só pode ser investigada com relação à organização do discurso, sendo incluídas todas as questões ligadas à distribuição de informação e à orientação argumentativa. Nas construções causais, a distribuição da informação está ligada à ordem das palavras. As causais iniciadas com ‘porque’ são, geralmente, pospostas à informação nova, ou seja, à consequência.

Com relação às construções consecutivas, Neves (2000: 915) explica que estas são construídas, geralmente, em uma ordem icônica, vindo a consequência depois da causa (cf. 2):

(2) Tremi tanto que o copo caiu no chão

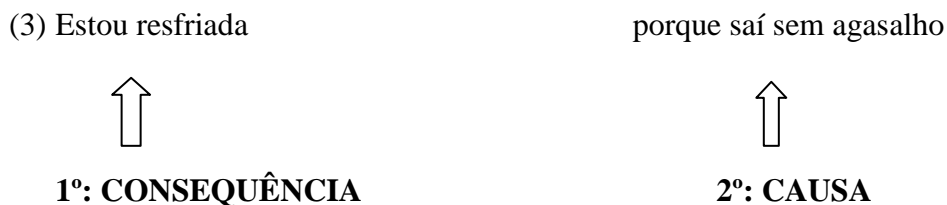


1º: CAUSA



2º: CONSEQUÊNCIA

No exemplo (2), observamos que a consequência [que o copo caiu no chão] vem posposta à causa [Tremi tanto]. Neves (2000) esclarece, porém, que a construção consecutiva pode ter também a consequência anteposta:



Verificamos, em (3), que a consequência [Estou resfriada], que é a informação nova, vem anteposta à causa [porque saí sem agasalho]. Dessa forma, para Neves, a ordem da relação de causa e consequência em português pode ser veiculada sob dois tipos: CAUS-CONS e CONS-CAUS.

Assim, existem duas estruturas que expressam a relação da expressão de CAUS-CONS: uma através da ordem cronológica dos fatos (CAUS-CONS) e a outra com a topicalização da consequência (CONS-CAUS).

A seguir, em (3.1.2), analisaremos os estudos semânticos sobre a expressão de CAUS-CONS.

3.1.2 Estudos semânticos sobre a relação de causa e consequência

Os estudos semânticos contribuem para o entendimento do sentido das palavras e sentenças nas línguas naturais. Diante disso, observemos nas seções seguintes a análise semântica identificada em Ducrot (1977), Vogt (1989) e Koch (2008, 2007, 2002) para a expressão de CAUS-CONS. Dessa forma, consideraremos os estudos dos referidos autores sobre determinadas conjunções e conectivos que expressam as relações de CAUS-CONS.

3.1.2.1 Ducrot (1977)

Ducrot (1977: 116) considera que a descrição semântica diz respeito ao “conjunto de conhecimentos que permitem prever o sentido que recebe efetivamente cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado”. O autor (1977: 129) apresenta um

estudo dos operadores *para que*, *de modo que*, *porque*, *pois* e diz que as oposições *para que/de modo que* e *porque/pois* são da própria natureza das relações expressas (finalidade/consequência, causa/prova), bem como há diferenças na organização interna dos períodos.

Quanto ao operador *porque*, Ducrot apresenta o exemplo abaixo:

(4) “João veio porque se aborrecia.” (DUCROT, 1977: 137)

Ducrot afirma que o enunciado acima é constituído pelo sujeito “João” e pelo predicado complexo “vir por aborrecer-se”. O autor apresenta a seguinte descrição (op. cit.):

{ Pr1 “João veio”
Pr2 “João se aborrecia, e seu aborrecimento é causa de sua vinda”.
Ducrot (op. cit) diz que o “operador *porque* transforma dois predicados ‘Pr1’ e ‘Pr2’ num predicado complexo ‘Pr1 porque Pr2’, assim definido:

Dizer que ‘Pr1 porque Pr2’ se aplica a um objeto ‘a’ é, de um lado, pressupor que ‘Pr1’ se aplique a ‘a’, de outro, pôr que ‘Pr2’ se aplica a ‘a’ e que o segundo desses fatos é causa do primeiro. (Ducrot 1977: 137)

Estendendo a análise de Ducrot, nessa interpretação, às construções de CAUS-CONS com os conectivos *porque* e *por isso*, por exemplo, temos:

(5) Pedro voltou para casa *porque* perdeu o ônibus.

Consequência Causa

Pr1: Pedro voltou para casa.

Pr2: Pedro perdeu o ônibus.

O operador *porque* transforma as proposições ‘Pr1’ (Pedro voltou para casa) e ‘Pr2’ (Pedro perdeu o ônibus) no predicado complexo Pr1 porque Pr2 (Pedro voltou para casa porque perdeu o ônibus). Seguindo esse mesmo raciocínio, podemos analisar essas mesmas proposições, Pr1 e Pr2, e sua relação com o operador *por isso*:

(6) Pedro perdeu o ônibus, *por isso* voltou para casa.

Causa

Consequência

Dessa forma, *por isso* transforma as proposições Pr1 e Pr2 em um predicado complexo do tipo Pr2 *por isso* Pr1, ou seja, há inversão das sentenças que causam as proposições.

3.1.2.2 Vogt (1989)

Vogt (1989) faz uma análise semântica de três conjunções causais do português: *porque*, *já que* e *pois*. Vogt diz que essas conjunções “constituem ‘operadores’ argumentativos, ou seja, marcadores de subjetividade, e o seu estudo deverá contribuir para mostrar a importância das intenções dos falantes na organização do discurso e na sua estruturação como texto” (Vogt 1989: 60).

Primeiramente, o autor faz um estudo sintático das três conjunções e, em seguida, apresenta uma descrição semântica como uma tentativa de explicação para os fenômenos sintáticos abordados.

Vogt (1989: 58) afirma que no português o comportamento de *porque* parece revelar-se como privilegiado em relação às outras conjunções causais: *porque* goza de uma ambiguidade fundamental. O autor (op. cit) explicita:

Por um lado, é a única conjunção capaz de explicar, pelo elo de causalidade que estabelece entre os conteúdos de duas proposições, o conteúdo da primeira pelo conteúdo da segunda; por outro lado, tem um comportamento que a aproxima da conjunção *pois*, quando a explicação desliza para uma espécie de justificação do que se diz na primeira proposição. (Vogt 1989: 58)

Assim, Vogt conclui que a conjunção *porque* é quem estabelece a relação de causalidade entre as proposições.

Porém, a autora (op. cit) esclarece que também é muito comum atribuírem-se a certos fatos, causas ou consequências que não são estritamente lógicas ou o que aparenta ser uma causa constitui simplesmente uma explicação ou justificativa.

Assim, para Koch, nas relações causais temos a conexão da causa e da consequência introduzida por conectores do tipo lógico.

Até aqui verificamos a expressão de CAUS-CONS em português, na próxima seção, verificaremos a expressão de CAUS-CONS em Libras.

3.2 Causa e consequência em Libras

Nos últimos anos, as pesquisas linguísticas em Libras têm ganhado um grande impulso. Temos descrições nas áreas de fonologia, de morfologia, de sintaxe e de semântica. Entretanto, ainda há necessidade de se pesquisar alguns aspectos morfossintáticos, que certamente ampliarão o conhecimento acerca da Língua Brasileira de Sinais, tais como a expressão da relação de CAUS-CONS.

Sobre a expressão da relação de CAUS-CONS em Libras, verificamos que não há descrições linguísticas específicas desse fenômeno. Encontramos apenas indicações dessa expressão na definição de determinados conectivos em dicionários de Libras. Assim sendo, dentre os conectivos mencionados pelos autores em (3.1.1) e em (3.1.2), selecionamos os que já estão lematizados em dicionários de Libras: *porque*, *por causa*, *por isso* e *então*. Além desses, acrescentamos a preposição *depois*, pois esta aparece na produção escrita dos informantes surdos para também indicar a relação de causa e consequência (cf. capítulo 5). Consultamos os dicionários não só para verificar se há equivalência de usos dos conectivos em português e em Libras, mas também para observar de que forma os dicionários facilitam a aquisição do português como segunda língua pelo surdo.

Convém ressaltar que a análise em Libras da expressão de CAUS-CONS desenvolvida neste trabalho é uma investigação inicial.

3.2.1 Dicionários de Libras

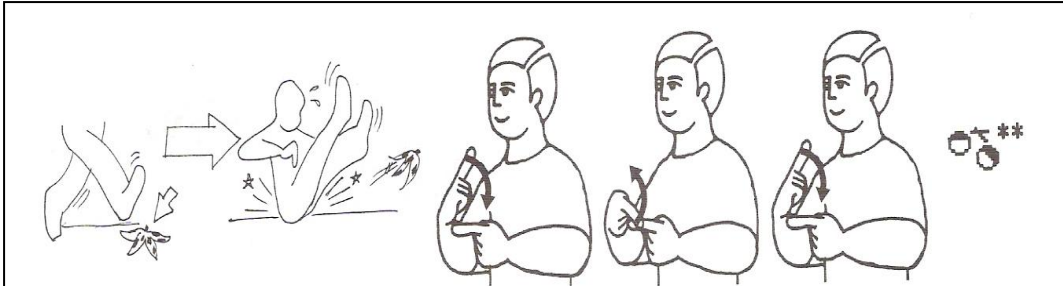
Selecionamos dois dicionários de Libras devido aos seus amplos usos pela comunidade surda: o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais*

Brasileira e o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais*. Vejamos nas subseções seguintes as características de cada dicionário, bem como os seus verbetes.

3.2.1.1 Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira

O *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*, de Capovilla e Raphael (2001- terceira edição), é apresentado na modalidade impressa, em dois volumes, e o seu corpo principal contém sinais que correspondem a 9.500 verbetes em inglês e português. Na constituição do verbete, o Dicionário apresenta o equivalente em inglês; a classe gramatical; a definição; a descrição do sinal em Libras, acompanhada de uma ilustração, para melhor visualização da situação de uso; a escrita em *sign writing*⁶ e exemplos em português.

Quanto aos conectivos selecionados para esta análise, não foram encontrados no Dicionário do Capovilla e Raphael os verbetes dos sinais equivalentes dos conectivos *por isso* e *então*. Examinaremos, portanto, apenas os sinais que correspondem aos conectivos em língua portuguesa *porque*, *por causa* e *depois*. O conectivo *porque* é assim descrito:



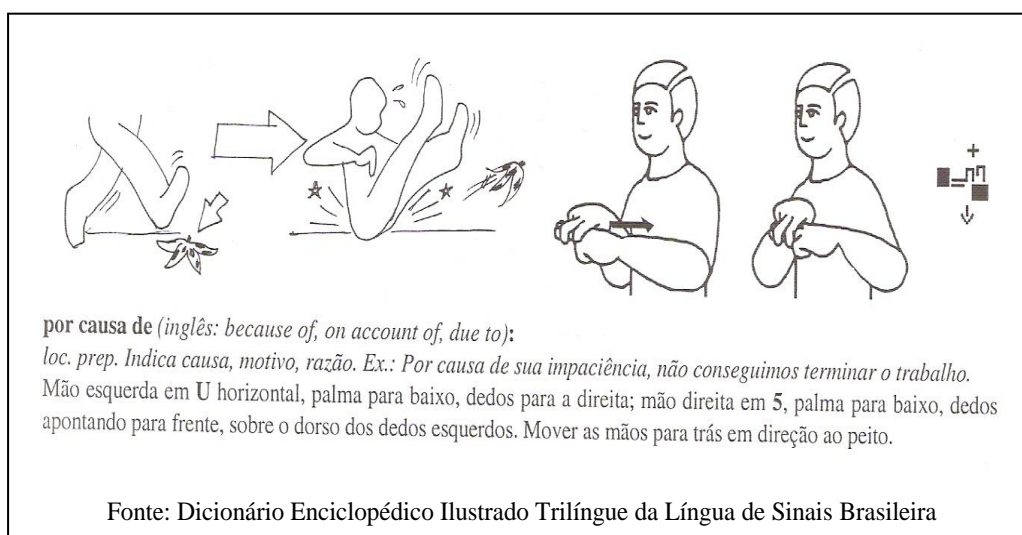
porque (inglês: *because, since, considering that, as, in as much as*):
conj. explicativa. Em razão de. Uma vez que. Já que. Pelo motivo de. Visto que. Devido a. A fim de que. Para que.
Usado para explicar a razão ou o motivo de algo. Ex.: Não vou à festa porque tenho aula até tarde.
Mãos em D horizontal, palma a palma, inclinadas para dentro, mão direita acima da esquerda. Bater o lado do indicador direito no lado do indicador esquerdo, duas vezes.

Fonte: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira

⁶ É um sistema de escrita para a língua de sinais.

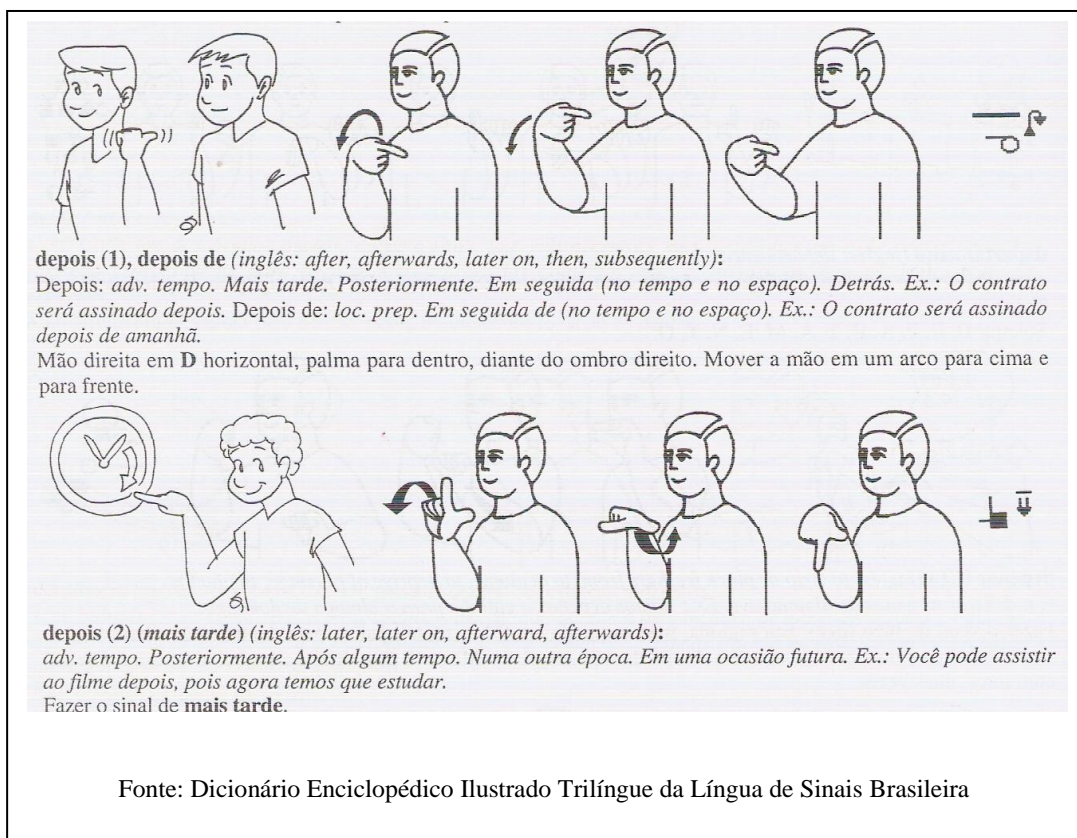
Observamos que o verbete *porque* é classificado como *conjunção explicativa*, ou seja, não há indicação quanto à função causal desempenhada pela conjunção. Na ilustração ao lado do sinal (em que uma pessoa pisa em uma banana e por isso escorrega), destacam-se duas setas, uma aponta para a causa (a menor delas) e a outra para a consequência (a maior delas). Ignorando o verbete em português e atentando apenas para a ilustração, a marcação das setas não deixa claro para um aprendiz de Libras a que situação o sinal se refere, ou seja, se para a causa ou se para a consequência. Como o dicionário não oferece exemplos em Libras, não foi possível identificar com segurança como é expressa a função lógico-semântica de CAUS-CONS desse sinal.

Vejamos a seguir o verbete *por causa de*:



O verbete *por causa de* é classificado como uma locução prepositiva, que indica causa. Temos a mesma ilustração do verbete *porque*. Esse fato pode levar o aprendiz surdo de língua portuguesa a interpretar a função sintática e lógico-semântica dos dois verbetes, *porque* e *por causa de*, como se fosse a mesma, e usar ora um conectivo ora outro indistintamente. Conforme explicado acima, o dicionário não fornece exemplos em Libras, portanto, não foi possível verificar se também os dois sinais são usados indistintamente nessa língua.

O verbete *depois*, por sua vez, possui duas entradas em Libras:



De acordo com os verbetes, o primeiro sinal, equivalente ao português *depois/depois de*, classificado como advérbio de tempo e locução prepositiva, indica tempo e também espaço. Para este primeiro sinal, temos dois exemplos. O primeiro exemplo [O contrato será assinado depois] *depois* é usado com valor semântico de mais tarde. O segundo exemplo, por sua vez, [O contrato será assinado depois de amanhã] *depois de* indica um tempo específico [depois de amanhã].

O segundo sinal, classificado como advérbio de tempo, indica que algo acontecerá posteriormente, mais tarde, ou seja, temos a indicação apenas de tempo. O exemplo [Você pode assistir ao filme depois, pois agora temos que estudar] mostra que se trata de algo a acontecer no futuro, sem um tempo especificado e, por isso, o sinal em Libras tem o valor semântico de mais tarde.

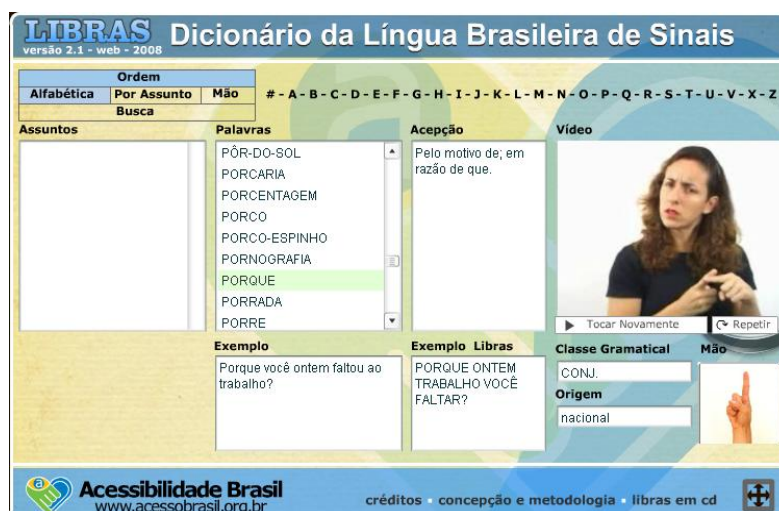
Assim, observamos que, nos verbetes apresentados, não há exemplos claros de uso do sinal traduzido como *depois* como expressão da relação de CAUS-CONS no dicionário de Capovilla e Raphael.

3.2.1.2 Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais

O Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais, de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza, publicado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), possui duas edições em CD-Rom (versão 1.0, 2001 e versão 2.0, 2005) e uma segunda edição disponível na internet (versão 2.1, 2008). Nesta pesquisa, utilizamos a versão disponível na internet, por ser a mais atualizada.

Quanto aos conectivos selecionados para esta análise, não foi encontrado no Dicionário de Lira e Souza o verbete do sinal equivalente do conectivo *então*. Examinaremos, portanto, os sinais que correspondem aos conectivos em língua portuguesa *porque*, *depois*, *por isso* e *porque*.

Analisemos, primeiramente, o verbete *porque*:



Fonte: <http://www.acesobrasil.org.br/libras> acesso em 05/10/2009

Nesse verbete, *porque*, classificado como conjunção, não observamos a indicação da relação lógica ou da relação de CAUS-CONS. Na realidade, os exemplos em português e em Libras indicam assertivas interrogativas:

- (11) Porque (sic) você ontem faltou ao trabalho? (Português)⁷
- (12) PORQUE ONTEM TRABALHO VOCÊ FALTAR? (Libras)

⁷ Em (11), na transcrição em português, o uso de *porque* não é correspondente, pois utilizamos, na escrita, o *porque* separado em assertivas interrogativas: por que.

Vejamos o verbete *depois*:

The screenshot shows the LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais interface. The word 'DEPOIS' is selected in the 'Palavras' list. The 'Acepção' field contains the definition: 'Em um momento posterior, em seguida, após.' The 'Exemplo' field shows: 'Agora vou trabalhar, nos encontramos depois do almoço.' The 'Exemplo Libras' field shows: 'AGORA EU IR TRABALHAR DEPOIS ALMOÇO NOS-2 ENCONTRAR.' The 'Classe Gramatical' is 'ADV.' and the 'Origem' is 'nacional'. A video player shows a sign language interpreter performing the sign for 'depois'.

Fonte: <http://www.acesobrasil.org.br/libras> acesso em 05/10/2009

O verbete *depois* é classificado como advérbio e, conforme a definição, significa em *um momento posterior, em seguida e após*. Além disso, não há referência à possibilidade de *depois* indicar CAUS-CONS.

Com relação ao verbete *por isso*, os exemplos do verbete em Português e em Libras divergem no entendimento e no uso, conforme mostram os exemplos abaixo. Vejamos o verbete *por isso*:

The screenshot shows the LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais interface. The word 'POR ISSO' is selected in the 'Palavras' list. The 'Acepção' field contains the definition: 'Por esse motivo, em razão de.' The 'Exemplo' field shows: 'Você comeu muito, por isso está com dor de barriga.' The 'Exemplo Libras' field shows: 'VOCÊ DOR-BARRIGA POR-ISSO COMERmuito EXAGERAR.' The 'Classe Gramatical' is 'LOC. CONJ.' and the 'Origem' is 'nacional'. A video player shows a sign language interpreter performing the sign for 'por isso'.

Fonte: <http://www.acesobrasil.org.br/libras> acesso em 05/10/2009

O verbete *por isso* é classificado como uma 'locução conjuntiva'. Em Libras, o sinal POR-ISSO, conforme o exemplo do dicionário, aparece surpreendentemente com o valor

semântico de *por causa de*, *em razão de* e até mesmo de *porque*, ou seja, há um uso completamente contrário ao encontrado em português:

(13) VOCÊ DOR-BARRIGA POR-ISSO COMERmuito EXAGERAR
Consequência Causa

(14) Você comeu muito, por isso está com dor de barriga.
Causa Consequência

Verificamos que em (13), o sinal POR-ISSO em Libras, de acordo com o exemplo, introduz a causa e, em (14), temos o equivalente em português introduzindo a consequência, com inversão de p e q. O exemplo em Libras não foi bem selecionado, pois, em (15), temos um exemplo, coletado com nossos informantes, que mostra que o sinal POR-ISSO é geralmente utilizado no final da frase e para dar um reforço ao que estava sendo dito anteriormente:

(15) VOCÊ DOR-BARRIGA // COMERmuito EXAGERAR POR-ISSO.
Consequência Causa

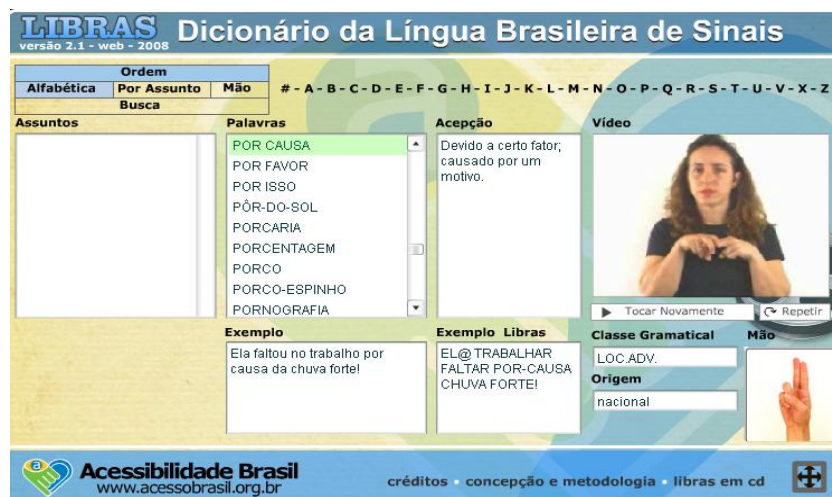
No exemplo em (15), indicamos com o sinal [//] uma juntura⁸ marcada, que relaciona a consequência com a causa. Os surdos identificam essa juntura com uma pausa. Embora essa “pausa” não seja identificável como um período de “silêncio”, ou seja, de interrupção na sinalização, consideramos que há neste caso uma marca relevante do limite entre as estruturas. Em pesquisa futuras, pretendemos investigar melhor quais as características fonológicas que permitem aos surdos identificar essa marca.

Dessa forma, o POR-ISSO em Libras pode ser utilizado no final, como um reforço da indicação da causa. Podemos entender que esse reforço refere-se a toda a relação de CAUS-CONS e não apenas à segunda parte (q). Assim, caberia uma investigação mais aprofundada sobre o uso do sinal de POR-ISSO em Libras, pois quando consultamos os informantes da

⁸ Juntura é um termo usado na fonologia para indicar os traços fonéticos de fronteira que podem demarcar as unidades gramaticais como os morfemas, palavras ou orações. O traço de juntura mais óbvio é o silêncio (cf. CRYSTAL, 1985: 154).

pesquisa, eles estranharam o uso apresentado no Dicionário de Lira e Souza, o que nos leva a afirmar que o operador da relação de CAUS-CONS é a juntura e que o sinal POR-ISSO é apenas um reforço opcional, visto que nem sempre é utilizado.

Vejamos abaixo o verbete *por causa*:



Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras> acesso em 05/10/2009

Quanto ao verbete *por causa*, esse é classificado como locução adverbial. Os exemplos em Libras e em português correspondem:

(16) Ela faltou no trabalho por causa da chuva forte!

Consequência Causa

(17) EL@ TRABALHAR FALTAR POR-CAUSA CHUVA FORTE!

Consequência Causa

Nos exemplos em (16) e em (17) o conectivo *por causa* introduz, em ambas as línguas a causa. Por falta de clareza dos dicionários e por termos observado uma grande semelhança entre este sinal POR-CAUSA e o sinal POR-ISSO em Libras, tanto neste dicionário quanto no uso pelos surdos, nós fomos levados a indagar a alguns professores e usuários nativos de Libras sobre o emprego dos sinais PORQUE, POR-CAUSA e POR-ISSO. Para a nossa surpresa, os informantes não souberam dizer se os sinais de POR-CAUSA e POR-ISSO eram

distintos ou se eram apenas um sinal. Os professores também não souberam relatar se o sinal POR-CAUSA poderia ser empregado no lugar do sinal de PORQUE.

Por essas razões, podemos levantar algumas questões (para uma pesquisa futura) sobre o emprego desses sinais e os seus usos na expressão de causa e consequência em Libras: (i) para os sinais de POR-CAUSA e POR-ISSO, é possível supor que exista em Libras apenas um sinal, como está implícito em Capovilla, que não apresenta verbete para o correspondente ao *por isso* em português; (ii) uma outra possibilidade é o uso da junção como um indicativo da relação de CAUS-CONS e (iii) conforme indicado no Dicionário de Lira e Souza, é possível que haja oposição entre POR-ISSO e POR-CAUSA em Libras. Nesse caso, faz sentido supor que o sinal POR-ISSO não seja usado como um operador, mas apenas como um reforço de toda a relação de CAUS-CONS e que POR-CAUSA seja usado de fato como um conectivo introdutor da causa propriamente dito. Entretanto, apenas com base nas informações dos dicionários não é possível chegar a uma conclusão definitiva a respeito da expressão de CAUS-CONS em Libras.

De um modo geral, podemos afirmar que a relação de CAUS-CONS em Libras pode ser feita por meio de marcas, por meio do uso de conectivo ou por meio do uso da junção marcada. Esse último fator incidirá diretamente no processo de aquisição da expressão de CAUS-CONS do português como L2, como se verá no capítulo 5.

METODOLOGIA

Neste capítulo, dividido em duas seções, apresentamos a metodologia empregada na pesquisa. Na primeira seção (4.1), descrevemos o estudo misto dos tipos *longitudinal* e *transversal*. A segunda seção (4.2), por fim, está voltada para a descrição da coleta de dados, em que identificamos a escola, os informantes e o *corpus* da pesquisa.

4.1 Estudo misto: longitudinal e transversal

A metodologia de pesquisa empregada neste trabalho tem por base o estudo misto dos tipos longitudinal e transversal. Descrevemos abaixo os dois tipos de estudo, conforme Dulay *et al* (1981) e Scarpa (2001).

Os estudos longitudinais são caracterizados pelo acompanhamento do desenvolvimento da linguagem do informante ao longo de um período. Nesses estudos, poucos informantes são observados. Segundo Dulay *et al* (1981), a duração do estudo longitudinal na aquisição de uma L2 prevê um período mínimo entre quatro a oito meses de observação. Os dados podem ser coletados entre uma vez por semana e uma vez por mês, isto é, em intervalos regulares.

Almeida (2007), em sua dissertação de mestrado, *Aquisição do sistema verbal do português-por-escrito pelos surdos*, salienta que no estudo longitudinal as regularidades observadas numa documentação longa, sistemática e detalhada, mesmo que sejam relativas ao percurso de apenas um informante, podem fornecer valiosas contribuições para o entendimento do processo de aquisição de linguagem.

Com relação à metodologia de estudo transversal, por sua vez, Dulay *et al* (1981) afirmam que a coleta de dados é realizada com um maior número de informantes que se encontram em diferentes estágios de desenvolvimento linguístico. O estudo transversal permite documentar e ordenar diferentes estágios do processo de aquisição de uma língua em apenas uma coleta de

dados. Scarpa (2001) salienta que a pesquisa do tipo transversal geralmente também é do tipo experimental, em que os fatores e as variáveis intervenientes no fato analisado são isolados, controlados e depois testados.

Assim, optamos nesta pesquisa pelo estudo misto, que procura equilibrar o pouco tempo disponível de coleta para um estudo unicamente longitudinal, com as vantagens do estudo transversal. Com o estudo longitudinal, por meio da aplicação de mais de uma coleta de dados com cada informante, podemos comparar os processos de aquisição de cada indivíduo, procurando verificar possíveis variações ou eventuais *saltos* no processo de aquisição. Com o estudo transversal, podemos realizar uma coleta com um número maior de informantes. Dessa forma, o uso combinado das duas metodologias para a coleta de dados permite uma pesquisa semelhante ao estudo longitudinal mais longo.

4.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi feita no Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS-DF)⁹, com 13 (treze) informantes surdos e realizamos quatro coletas entre os anos 2008 e 2009.

4.2.1 CAS

O CAS-DF é vinculado à Secretaria de Educação do Distrito Federal e recebe o apoio do Ministério da Educação para a realização de projetos voltados principalmente à formação continuada de professores intérpretes educacionais, de instrutores surdos e demais funcionários que atuam na área de surdez.

Além disso, o CAS-DF é um centro de atendimento direto aos surdos e deficientes auditivos, cujo objetivo é melhorar a educação, pois o Centro atua na complementação curricular dos alunos matriculados nas escolas públicas e particulares do Distrito Federal e Entorno. Os alunos do CAS-DF cursam a escola regular, em séries regulares e frequentam o Centro no horário contrário ao da escola.

O CAS-DF está estruturado em cinco núcleos:

⁹ O CAS-DF está localizado na quadra 315, Asa Sul, Brasília.

1. Núcleo de Tecnologia e Adaptação de Material (NTA);
2. Núcleo de Capacitação de Profissionais e Cursos (NCPC);
3. Núcleo de Apoio Didático/Pedagógico (NADP);
4. Núcleo de Atendimento ao Surdocego (NASC) e
5. Núcleo de Convivência (NC).

Dentre esses, o Núcleo de Convivência (NC) se distingue dos demais núcleos, pois oferece cursos de português como L2 para surdos jovens e adultos (doravante PBSLS). Muitos alunos surdos só vão ter oportunidade de aprender o PPE como L2 nesse núcleo, pois, até então, na escola regular, a maioria desses alunos passou (ou ainda está passando) por uma metodologia de ensino de português como L1. Por isso é fato que muitos surdos, apesar de terem concluído a educação básica, não apresentam um nível de proficiência em português adequado.

Diante dessa realidade, o NC desenvolveu uma metodologia própria. O curso de PBSLS do NC possui três ciclos alternativos: básico (I, II e III), intermediário (I, II, III, IV) e avançado (I, II, III), e possui material didático próprio produzido especificamente para as aulas.

A equipe do NC está agindo da maneira adequada, com uma visão boa visão do bilinguismo. Assim, para ser colocado em um ciclo ou outro, não importa em que série da escola regular está, a idade ou se já conclui a educação básica, mas o quanto o aluno sabe português. Na realidade, o NC não é reforço do que está sendo ensinado na escola regular, mas sim um curso completo de português como L2.

Assim sendo, coletamos os dados para esta pesquisa com alunos surdos integrantes das turmas de PBSLS dos três ciclos de atendimento: básico, intermediário e avançado. Vejamos na próxima seção a descrição dos surdos informantes da pesquisa.

4.2.2 Informantes

Para a pesquisa, convidamos, inicialmente, 40 alunos surdos. Dos 40 alunos convidados, 13 aceitaram participar da pesquisa. Os 13 surdos apresentam um quadro de surdez bilateral, severa ou profunda¹⁰, com idades entre 18 e 40 anos, e estão em diferentes

¹⁰ A audição considerada normal se situa entre 0 a 16 dB e entre 250 a 4000 Hz. Acima de 16 dB já é considerada “perda auditiva”. Os graus de surdez variam em *leve* (perda de 16 a 40 dB), *moderada* (41 a 55 dB),

estágios de aquisição do português. Do número total de informantes, nove nasceram surdos e quatro adquiriram surdez nas idades entre um e cinco anos (cf. Quadro 1).

INFORMANTES	CLASSIFICAÇÃO NO CAS			AQUISIÇÃO DE SURDEZ			GRAU DE SURDEZ (Bilateral)		QUANDO APRENDEU LIBRAS		
	Básico	Intermediário	Avançado	Nascimento	1 a 2 anos	+ 2 anos	Severa	Profunda	Criança	Adolescente	Adulto
AA (18 anos)	+			+				+	+		
AB (22 anos)	+					+		+	+		
AC (26 anos)	+			+				+	+		
AD (27 anos)	+			+				+	+		
AE (18 anos)	+			+			+	+	+		
AF (23 anos)		+		+				+	+		
AG (32 anos)		+			+		+	+	+		
AH (21 anos)	+			+				+		+	
BA (29 anos)		+				+	+	+			+
BB (40 anos)	+			+				+	+		
CA (25 anos)			+	+				+	+		
CB (25 anos)			+			+		+	+		
CC (23 anos)			+	+			+	+			+

Quadro 1

No Quadro 1, identificamos os informantes com duas letras do alfabeto. Quatro informantes adquiriram surdez nos dois primeiros anos de vida. Optamos por manter esses informantes em nosso conjunto de dados. Do número total, sete informantes encontram-se nas turmas de PBSLS do CAS-DF do ciclo básico, três no ciclo intermediário e três no ciclo avançado (cf. coluna Classificação no CAS¹¹, Quadro 1). Quanto ao período de aquisição, 10 informantes adquiriram a Libras quando crianças, um na adolescência e dois na idade adulta.

moderada severa (56 a 70 dB), *severa* (71 a 90 dB) e *profunda* (mais de 90 dB) (Fonte: BRASIL. (1997) Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental – deficiência auditiva. Brasília: SEESP).

¹¹ No capítulo 5, nas identificações das interlínguas no processo de aquisição da expressão de CAUS-CONS do português, verificaremos a correspondência com o ciclo em que o aluno/informante está no CAS.

Todos os informantes adquiriram essa língua no ambiente escolar ou na convivência com outros surdos, uma vez que os informantes são filhos de pais ouvintes, o que explica a variação no período de aquisição da Libras (cf. Quadro 1). No Quadro 2, identificamos algumas situações em que os informantes utilizam o PPP, bem como o estado da aquisição do sistema verbal. Os informantes usam o PPP no dia-a-dia, principalmente quando necessitam se comunicar com ouvintes no trabalho, na escola, no celular e na internet.

INFORMANTES	USOS DO PORTUGUÊS-POR-ESCRITO				COMUNICAÇÃO EM PORTUGUÊS - FORMAS VERBAIS DO PRESENTE		COMUNICAÇÃO EM PORTUGUÊS – FORMAS VERBAIS DO PASSADO		COMUNICAÇÃO EM PORTUGUÊS – FORMAS VERBAIS DO FUTURO	
	Ce-lu-lar	In-ter-net	Es-co-la	Tra-ba-lho	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
AA (18 anos)			+		++		+ -		++	
AB (22 anos)	+	+			++		+ -		++	
AC (26 anos)	+	+			++		++		++	
AD (27 anos)		+			++		++		++	
AE (18 anos)	+	+	+		++		+ -		+ -	
AF (23 anos)	+	+			++		++		++	
AG (32 anos)	+	+			++		++		++	
AH (21 anos)	+	+	+	+	++		+ -		++	
BA (29 anos)	+	+			++		++		++	
BB (40 anos)	+			+	++		++		+ -	
CA (25 anos)	+	+			++		++		++	
CB (25 anos)	+	+	+	+	++		++		++	
CC (23 anos)	+	+			++		++		++	

Quadro 2

Conforme o Quadro 2, quanto às especificidades linguísticas da aquisição do português, identificamos três grandes blocos do sistema verbal: formas verbais do presente, do passado e do futuro. A fim de verificar tal aquisição, fizemos três perguntas: “O que você costuma fazer nos finais de semana?” - na resposta esperava-se o uso do presente – “O que você fez no último fim de semana?” - na resposta esperava-se o uso do passado (pretérito perfeito) – “O que você pretende fazer nas próximas férias?” - na resposta esperava-as o uso do futuro (futuro composto ou futuro do pretérito). No Quadro 2, há dois sinais da cruz, o

primeiro indica que o informante entendeu a pergunta e o segundo indica o uso do tempo (presente, passado ou futuro) na resposta. Verificamos que oito informantes (AC, AD, AF, AG, BA, CA, CB, CC) utilizaram todos os tempos requeridos em suas respostas; um informante (BB) utilizou o tempo presente e o tempo passado, somente; um informante (AE) utilizou o tempo presente, apenas e três informantes (AA, AB, AH) utilizaram o tempo presente e o tempo futuro.

Almeida (2007) propõe uma divisão das formas verbais no PPP dos surdos em formas básicas e formas de estágios mais avançados. Nas formas básicas estão o infinitivo, o presente habitual, o pretérito perfeito e o futuro composto. Nas formas verbais de estágios mais avançados, por sua vez, além das formas básicas, encontram-se o pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo, o futuro do pretérito e o gerúndio. Em nossa pesquisa, cujo objetivo não é propriamente verificar a aquisição do sistema verbal, a partir dos dados, identificamos que todos os informantes se expressaram no tempo presente, nove (AC, AD, AF, AG, BA, BB, CA, CB, CC) utilizaram o tempo pretérito perfeito e onze (AA, AB, AC, AD, AF, AG, AH, BA, CA, CB, CC) utilizaram o tempo futuro. No entanto, com esses dados não é possível afirmar que os informantes estão nivelados numa proficiência específica. Os nossos informantes, segundo o critério proposto por Almeida (2007), usariam apenas as formas básicas dos tempos verbais. Como, no entanto, os informantes CA, CB e CC apresentam um nível avançado (cf. seção 5.3.8) na sua produção em PPE, consideramos que a ausência das “formas verbais de estágios mais avançados” se deve à natureza da coleta de dados, que enfocou as expressões de CAUS-CONS e não as situações que propiciariam o uso daquelas formas verbais. Nossos dados sugerem, assim, apenas um conhecimento bastante adequado, por grande parte de nossos informantes, do sistema verbal do PPE, o uso ou não uso de outras características do português deverão permitir o reconhecimento de diferentes estágios da aquisição do português por esses informantes.

Assim, passemos agora à descrição das redações/questionários coletados com os informantes.

4.2.3 *Corpus*

O *corpus* da pesquisa compõe-se de textos produzidos pelos 13 informantes surdos. A coleta de dados ocorreu nos anos de 2008 a 2009 no CAS-DF, em turmas de PBSLS. A seguir, descrevemos os critérios utilizados nos roteiros das coletas realizadas.

4.2.3.1 Roteiros para as coletas

Para a realização da coleta de dados, fizemos quatro roteiros em forma de redações e/ou exercícios (cf. anexos), cujo objetivo era verificar a expressão de CAUS-CONS no PPE dos surdos. Quanto à confecção dos roteiros, delineamos os seguintes critérios:

1. Seleção de histórias em quadrinhos/tiras sem textos ou diálogos, ou seja, que fossem apenas compostos de imagens, a fim de não influenciar na produção escrita dos informantes;
2. As histórias em quadrinhos/tiras deveriam expressar a ideia de CAUS-CONS.

Conforme os critérios acima descritos, fizemos a seleção das histórias em quadrinhos/tiras. A seleção foi feita por meio da busca na internet em alguns *sites* que apresentassem quadrinhos/tiras¹². Entretanto, tal seleção exigiu uma vasta procura (foram pesquisados cerca de 200 quadrinhos/tiras) e um exame detalhado das histórias/tiras a fim de identificar situações propícias para o uso da causa e consequência.

Temos três tipos de coletas: espontânea, direcionada e mista. A coleta espontânea tem por objetivo verificar o uso livre da expressão de CAUS-CONS. A coleta direcionada, por sua vez, examina o uso de determinados conectivos na expressão de CAUS-CONS. Na coleta mista, finalmente, juntamos as duas coletas: espontânea e direcionada. Vejamos abaixo a descrição dos roteiros das quatro coletas realizadas.

¹² Os sites utilizados foram os seguintes: <http://www.cbpf.br/~eduhq/html/tirinhas> e www.monica.com.br.

a) Coletas espontâneas

Nas coletas 1 e 2 (cf. anexos), apresentamos tiras que incentivam a narração e a descrição livres. O foco está no reconhecimento da relação de CAUSS-CONS e no uso espontâneo dos operadores (conectivos) que marcam essa relação.

Na coleta 1, o informante deveria observar e descrever a tira, que era dividida em três partes. Na primeira parte, havia uma casa que era próxima a um rio e, nesse rio, o esgoto caía. Na segunda parte, há um garoto que está bebendo um copo de água contaminada da torneira e, na terceira parte, mostra o garoto doente.

A coleta 2 também é composta por uma tira, composta de três partes: no primeiro quadrinho é apresentado uma mulher saudável; no segundo, há a mesma mulher dividida em duas partes: metade mulher e metade esqueleto e, no terceiro quadrinho, a mulher aparece totalmente em forma de esqueleto. Nos dois últimos quadrinhos, a mulher segura uma placa na qual está escrita a palavra ‘*anorexia*’.

b) Coleta direcionada

Na coleta 3 (cf. anexos), o objetivo é investigar o reconhecimento do uso de dois conectivos especificamente: o *porque* e o *por isso*, pois conforme explicado no capítulo 3, as construções com esses dois conectivos utilizam ordens diferentes de CAUS-CONS, a saber, a cronológica (CAUS-CONS) e a não-cronológica (CONS-CAUS).

Dessa forma, confeccionamos dois exercícios. No exercício (i), propomos quatro situações e solicitamos que os informantes utilizassem na alternativa um o *por isso* e, na alternativa dois o *porque*. No exercício (ii), por sua vez, os informantes deveriam completar as frases a partir do uso do conectivo *por isso*.

c) Coleta mista

Na coleta 4 (cf. anexos), mista, propomos dois exercícios: um espontâneo e o outro direcionado. O primeiro exercício, visando o uso espontâneo, compõe-se da produção livre com base na visualização de duas tiras. Na primeira tira, composta de três partes: (i) temos um gato, o Garfield, confeccionando uma bola de neve; (ii) o gato sobe em uma escada e pula em

cima de uma alavanca que está com a bola de neve e em (iii) a bola de neve está para cair em um homem. A segunda tira é composta de duas partes: na primeira, a personagem Magali carrega uma melancia, mas não vê uma casca de banana no chão e na terceira parte mostra a Magali escorregando no chão e a melancia voa.

O segundo exercício, visando o uso direcionado, é composto de três situações em que, por meio da utilização de gravuras para ilustrar uma situação que é reforçada por uma sentença descritiva, solicita-se que o informante responda a uma pergunta e, em seguida, complete duas frases com a utilização dos conectivos *porque* e *por isso*.

4.2.3.2 Constituição do *corpus*

Dessa forma, o nosso *corpus* é constituído por: (i) pequenos textos oriundos da produção espontânea; (ii) de respostas a perguntas e (iii) de preenchimento de lacunas em frases apresentadas aos informantes.

Assim, a metodologia aplicada à pesquisa foi a de um estudo misto que procurou reunir as vantagens de um estudo transversal e as de um estudo longitudinal e minimizar as desvantagens. No que se refere ao tipo de coleta empregado, em futuras pesquisas adotaremos, desde o início, a coleta de dados do tipo mista, com roteiros que incluem “parte espontânea” e “parte direcionada” e que sejam realizados desde o início e em maior número, com um tempo mais longo.

No próximo capítulo, analisaremos os resultados encontrados a partir da produção escrita de nossos informantes, tendo em vista identificar critérios que levarão à constituição das interlínguas dos surdos no processo de aquisição da expressão de CAUS-CONS do português.

AS INTERLÍNGUAS DO SURDO: A EXPRESSÃO DE CAUSA E DE CONSEQUÊNCIA NO PORTUGUÊS-POR-ESCRITO

Neste capítulo, apresentamos uma análise geral dos fenômenos relativos à aquisição das estruturas que expressam causa e consequência no PPE nas interlínguas dos surdos observados nesta pesquisa.

Na primeira seção (cf. 5.1), apresentamos os tipos de expressão de causa e consequência no PPE identificados nos dados obtidos nas coletas espontâneas (coletas 1 e 2), na coleta direcionada (coleta 3) e na coleta mista (coleta 4). Na segunda seção (cf. 5.2), por sua vez, apresentamos os critérios para a identificação das interlínguas dos informantes. A terceira seção (cf. 5.3) é dedicada à análise dos dados da pesquisa e apresentação das interlínguas dos informantes. Na quarta seção (cf. 5.4), por fim, encontram-se as conclusões sobre a análise dos dados.

Cumpra esclarecer que analisaremos exclusivamente a expressão de causa e consequência, portanto, não nos ateremos a outros aspectos ligados à morfossintaxe encontrados no *corpus*, a não ser que estes interfiram diretamente na análise. Os dados serão transcritos conforme foram produzidos, ou seja, sem correções, seguidos opcionalmente da indicação do tipo de relação de causa e consequência, do equivalente livre, da identificação do informante, feita com duas letras do alfabeto e do número da coleta.

5.1 Tipos de expressão de causa e consequência no PPE

Nos dados das coletas espontâneas (coletas 1 e 2) e na parte espontânea da coleta mista (coleta 4) identificamos seis tipos de expressão de causa e consequência que variam desde uma descrição cronológica dos fatos observados, em que há uma coordenação de ideias sem uso de conectivos para expressar a relação entre a causa e a consequência, até usos mais

refinados para expressar esta relação, com recursos estilísticos próprios de falantes nativos em português.

Na coleta direcionada (coleta 3) e na parte direcionada da coleta mista (coleta 4) identificamos três tipos de usos dos conectivos *porque* e *por isso* que apontam três graus de aproximação à língua-alvo, sugerindo o reconhecimento de três interlínguas.

5.1.1 Tipos de expressão de causa e consequência nos usos espontâneos

Com base nos dados encontrados nas coletas espontâneas, identificamos seis tipos de usos da expressão de causa e consequência do PPE dos surdos. Nos cinco primeiros tipos que apresentamos a seguir utilizamos dois critérios para a classificação: a *ordem*, cronológica ou não-cronológica (com topicalização da consequência), e o *conectivo*, ausente, correspondente (doravante C) ou não-correspondente (doravante NC). O sexto tipo, *F*, é dedicado aos usos especiais de preposições. Demonstramos, a seguir, quais as características de cada tipo.

Tipo A

Ordem: <i>Cronológica</i>
Conectivo: <i>Ausente</i>

No Tipo A, encontramos uma justaposição da expressão dos fatos, com base em uma sequência cronológica que se aproxima de uma descrição-narração, corroborada pela ausência de conectivos¹³ (cf. 18):

(18) *Magali levou a melancia depois andou ela não viu a banana no chão, _ ela escorregou na banana.*

‘A Magali levava uma melancia, depois ela andou, mas não viu uma banana no chão e por isso ela escorregou’. (AG: 4)

Em (18), o informante afirma que a Magali estava carregando uma melancia, porém ela não viu uma banana no chão, e [por isso] escorregou, entretanto não utiliza conectivo para

¹³ Identificamos a ausência de conectivo com o símbolo: _.

No Tipo D, encontramos a ordem não-cronológica de consequência-causa (doravante CONS-CAUS) e uso do conectivo não-correspondente à língua-alvo (cf. 21):

(21) *Anorexia é um doença, pois falta alimentação bem.*

Consequência Causa

‘Anorexia é uma doença porque falta uma boa alimentação’ (AB: 1)

No exemplo (21), verificamos que o informante utiliza a preposição ‘pois’ no lugar de ‘porque’ para introduzir a causa.

Tipo E

Ordem: <i>Não-cronológica</i>

Conectivo: <i>Correspondente</i>

No Tipo E, encontramos a ordem não-cronológica de CONS-CAUS e uso de conectivo correspondente à língua-alvo (cf. 22):

(22) [...] *O menino ficou doente por causa da água contaminada.*

Consequência Causa

‘O menino ficou doente por causa da água contaminada’ (CB: 1)

Tipo F

Ordem: <i>Cronológica ou Não-cronológica</i>

Conectivo: <i>Correspondente</i>

No Tipo F, encontramos ambas as ordens CAUS-CONS e CONS-CAUS, entretanto temos a introdução da causa ou da consequência por uma preposição, o que revela uma interlíngua mais avançada (cf. 23 e 24):

(23) [...] com a falta de saneamento a poluição chega aos rios próximo ao “povoado”

Causa

Consequência

para expressar a causa e consequência. Observemos, a seguir, quais as características de cada tipo.

Tipo 1

Porque: Usos não-correspondentes e poucos usos correspondentes

Por isso: Usos não-correspondentes e poucos usos correspondentes

No Tipo 1, temos usos correspondentes (C) e não-correspondentes (NC) à língua-alvo dos conectivos *porque* (doravante PQ) e *por isso* (doravante PI) (cf. 25, 26 e 27):

(25) *O correio entregou uma carta na casa porque ela não sabia ler.*

‘O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler’. (AD: 3)

(26) *João dormiu demais por isso João foi diversão coisa boa volto sem quer acorda.*

‘João dormiu demais porque ele foi a uma boa diversão e voltou e não quis acordar’. (AB: 4)

(27) *João faltou ao trabalho porque ele não acordo bem direito.*

‘João faltou ao trabalho porque ele não acordou bem’ (AB: 4)

Os exemplos (25) e (26) ilustram usos dos conectivos *PQ* e *PI* não-correspondentes à língua-alvo. Entretanto, em (27), verificamos uso do conectivo *PQ* correspondente.

Tipo 2

Porque: Uso correspondente

Por isso: Usos correspondentes e poucos usos não-correspondentes

No Tipo 2, há usos do conectivo *PQ* correspondentes e usos do conectivo *PI* correspondentes e não-correspondentes (cf. 28, 29 e 30):

(28) *Estou com calor e por isso eu vou praia.*

‘Estou com calor e por isso eu vou à praia’ (AF: 3)

(29) *Ele estava correndo na escada e por isso estava atrasando.*

‘Ele estava correndo na escada porque estava atrasado’ (AF: 3)

(30) *Ela pediu ajuda de outra pessoa porque ela não sabia ler*
‘Ela pediu a ajuda de outra pessoa porque ela não sabia ler’ (AF: 3)

Nos exemplos (28) e (30), há usos correspondentes dos dois conectivos. Porém, em (29), o conectivo ‘*por isso*’ é utilizado de forma não-correspondente à língua-alvo.

Tipo 3

Porque: Uso correspondente
Por isso: Uso correspondente

No Tipo 3, temos usos dos conectivos PQ e PI correspondentes (cf. 31 e 32):

(31) *O macarrão do almoço da casa de uma amiga estava salgado por isso não comeu.*

‘O macarrão do almoço da casa de uma amiga estava salgado, por isso ela não comeu’
(CC: 3)

(32) *Ela não comeu o macarrão na casa da amiga porque estava salgado.*

‘Ela não comeu o macarrão na casa da amiga porque estava salgado’.
(CC: 3)

Deste modo, podemos resumir os usos do PQ e do PI como se vê no Quadro 4.

TIPOS	PQ	PI
1	+-	+-
2	++	+-
3	++	++

Quadro 4 (Tipos dos usos dos conectivos *porque* e *por isso*)

Entendemos que do tipo 1 ao tipo 3 há um desenvolvimento das interlínguas correspondentes, pois primeiramente firma-se a aquisição do conectivo PQ e depois a aquisição do conectivo PI (cf. 5.3 e 5.4).

com poucos usos correspondentes à língua-alvo. Portanto, o informante AA encontra-se em uma interlíngua básica.

Na interlíngua intermediária, os informantes identificam a expressão de causa e consequência em suas duas ordens: causa-consequência e consequência-causa. Em relação aos conectivos PQ e PI, há sempre o uso C de PQ e poucos usos NC de PI. Os exemplos de (36) a (40) confirmam essa interlíngua.

(36) *O menino torneira para ver água suja. Teve coragem p/ beber a água. Depois aconteceu doer na barriga.*

Causa

Consequência

‘O menino abre a torneira para ver a água suja. Ele teve coragem de beber essa água. Depois a barriga dele doeu’ (BB: 1)

(37) *A moça queria ser magra forte até morte.*

Causa

Consequência

‘A moça queria ser muito e por isso morreu.’ (BB: 2)

(38) *Perdi a tampa da caneta e por isso não segurei a caneta.*

‘Perdi a tampa da caneta porque não segurei a caneta.’ (BB: 3)

(39) *Garfield está com dor de barriga porque ele come muito.*

Garfield está com dor de barriga porque ele come muito’. (BB: 4)

(40) *Garfield comeu demais por isso está com dor de barriga.*

‘Garfield comeu demais por isso está com dor de barriga’ (BB: 4)

Em (36) e (37), o informante utiliza a ordem cronológica, CAUS-CONS, e uso de conectivos C à língua-alvo e, portanto, identificamos o Tipo ‘C’. No dado (38), o informante não completa o enunciado de modo a corresponder à língua-alvo o uso do conectivo PI. Nos

português. Assim sendo, os exemplos de (41) a (44) nos permitem concluir que o informante CA encontra-se em uma interlíngua avançada.

Assim, resumimos os três grupos de interlínguas no Quadro 5.

Interlínguas Tipos	<i>BÁSICA</i>	<i>INTERMEDIÁRIA</i>	<i>AVANÇADA</i>
<i>Tipos A, B, C, D, E, F</i>	A, B, C, D	C, D, E	E, F
<i>Tipos 1, 2, 3</i>	1, 2	2, 3	3

Quadro 5 (Interlínguas)

Após a apresentação dos critérios para a identificação das interlínguas, examinaremos os dados produzidos por cada informante nas quatro coletas, baseando-nos nos critérios acima explicados.

5.3 Análise dos dados

Para a análise das expressões de causa e consequência, consideraremos as ocorrências e os usos – espontâneo e direcionado - tendo em vista os tipos identificados em (5.1.1) e em (5.1.2).

A análise será apresentada por informante ou por grupos de informantes, na medida em que apresentarem o mesmo nível geral de interlíngua. Para cada informante ou grupo, serão apresentadas as produções realizadas nas quatro coletas¹⁵. Nas coletas 1 e 2 e na parte espontânea da coleta 4, serão apresentados exemplos que comprovam o tipo/nível em que se encontram os informantes. Com relação à coleta 3, a análise será fundamentada nos critérios: compreensão da pergunta, indício da relação de causa e consequência e o uso dos conectivos PQ e PI (ausente, correspondente ou não-correspondente). A coleta 4, por sua vez, será baseada nos critérios: expressão da relação lógica, ordem C/NC e conectivo utilizado. No caso de exemplos de enunciados que constituem resposta a uma pergunta, esta será transcrita logo após o(s) exemplo(s), com indicação “contexto”, nas coletas 3 e 4.

¹⁵ Cumpre esclarecer que em determinadas coletas alguns informantes não participaram.

Primeiramente, apresentaremos os resultados encontrados e, em seguida, apresentaremos a análise dos dados de cada informante ou grupo de informantes. A sequência de seções a seguir obedecerá a dois critérios: (i) a observação da progressão do nível mais básico ao mais avançado e (ii) a identificação de grupos de informantes razoavelmente homogêneos quando for possível. Consequentemente, a apresentação segue a seguinte ordem: (1) as interlínguas dos informantes; (2) informante AA; (3) informante AB; (4) informantes AC a AG; (5) informante AH; (6) informante BA; (7) informante BB e (8) informantes CA a CC. Note-se que os informantes AA, AB, AH, BA e BB estão numa situação particular, que será explicada adiante, mas, no entanto, não constituem um grupo com características homogêneas e, por isso, são apresentados individualmente.

5.3.1 As interlínguas dos informantes

Identificamos as interlínguas pelos recortes transversal e longitudinal, por meio da comparação dos estágios em que se encontram diferentes informantes e, quando possível, por meio do progresso individual. Com base no recorte transversal, verificamos que oito informantes (AA, AB, AC, AD, AE, AF, AG e AH) encontram-se entre uma interlíngua básica a uma interlíngua básico-intermediária de aquisição da expressão de causa e consequência e do uso correspondente ao português dos conectivos PQ e PI; dois informantes (BA e BB) encontram-se em uma interlíngua intermediário-avançada e três informantes (CA, CB e CC) estão em uma interlíngua avançada.

Para uma melhor visualização, apresentamos no Quadro 6, de forma sintética, as interlínguas de cada informante. Houve algumas passagens de uma interlíngua para outra em um mesmo indivíduo, numa progressão longitudinal, como se pode ver no Quadro 6, com os informantes AB, BB, CA e CB. O informante AB apresentou uma evolução em todas as coletas – espontâneas e direcionadas –, pois na coleta 1 AB se caracterizava com o uso apenas do Tipo A e na coleta 2 o informante correspondia ao Tipo D, ou seja uma evolução quanto ao uso do conectivo e da ordem não-cronológica; na coleta 3, AB usava o Tipo 1 e na coleta 4, temos os Tipos A/C e 2, que indicam uma evolução quanto ao uso correspondente ao português do conectivo PQ e alguns usos correspondentes do conectivo PI.

Informantes	Coleta 1	Coleta 2	Coleta 3	Coleta 4	Interlíngua
AA	Tipo B	Tipo B	-	Tipo A/C/D	Básica
				Tipo 1	
AB	Tipo A	Tipo D	Tipo 1	Tipo A/C	Básica
	-	-	-	Tipo 2	Intermediária
AC	Tipo C	Tipo C	Tipo 1	Tipo A/C	Básica
				Tipo 1	
AD	Tipo C	Tipo C	Tipo 1	-	Básica
AE	Tipo C	Tipo C	Tipo 1	Tipo A	Básica
				Tipo 1	
AF	-	Tipo D	-	Tipo A/C	Básica
				Tipo 1	
	-	-	Tipo 2	-	Intermediária
AG	-	Tipo A/C	Tipo 1	Tipo A	Básica
				Tipo 1	
AH	-	-	Tipo 1	-	Básica
	Tipo E	Tipo E	-		Intermediária
BA	-	Tipo E	Tipo 3	Tipo A	Intermediário- avançada
				Tipo 2/3	
BB	-	Tipo B	-	-	Básica
	Tipo C/E	-	Tipo 2	-	Intermediária
	-	-	-	Tipo 3	Avançada
CA	Tipo E	Tipo F	Tipo 3	Tipos A/C	Avançada
				Tipo 3	
CB	Tipo E	Tipo F	Tipo 3	Tipo A	Avançada
				-	
CC	Tipo F	Tipo F	Tipo 3	Tipo F	Avançada
				-	

Quadro 6 (Interlínguas)

O informante BB apresenta uma evolução quanto aos usos direcionados: na coleta 3, BB se caracterizava com o uso apenas do Tipo 2 e na coleta 4 temos o Tipo 3. Tal mudança indica a aquisição plena dos conectivos PQ e PI e ordens de CAUS-CONS correspondentes.

Por fim, os informantes CA e CB apresentaram uma progressão semelhante no que se refere às coletas espontâneas: na coleta 1, caracterizaram-se como do Tipo E e, na coleta 2, como do Tipo F.

Houve também um caso de aparente regressão quanto aos usos direcionados dos conectivos PQ e PI com o informante AF. O informante AF, na coleta 3 usava o Tipo 2 e na coleta 4 regride para o Tipo 1. Esse caso de aparente regressão indica que o informante ainda não adquiriu plenamente os usos dos conectivos PQ e PI e ordens de causa e de consequência correspondentes e provavelmente estava testando hipóteses.

Nos demais casos, as interlínguas são identificadas num recorte transversal, pois não houve mudanças significativas para os informantes ao longo do período da coleta de dados. Dessa forma, identificamos dois grupos: um básico e um avançado. O grupo básico é formado pelos informantes AC, AD, AE, AF e AG, em que temos o uso da ordem cronológica, CAUS-COM, principalmente do Tipo C nas coletas espontâneas, e também temos poucos usos correspondentes ao português dos conectivos PQ e PI. No grupo avançado, com os informantes CA, CB, e CC, os aprendizes demonstram pleno domínio das estruturas de CAUS-CONS do português, pois temos uso de ambas as ordens: cronológica e não-cronológica, e uso correspondente dos conectivos PQ e PI.

Nas seções a seguir, apresentamos a análise dos dados de cada informante ou grupo de informantes.

5.3.2 Informante AA

O informante AA encontra-se em um estágio básico da aquisição das estruturas de CAUS-CONS do português, pois, durante o período das coletas, apresenta expressões do Tipo B, C e D nas coletas espontâneas e do Tipo 1 nas coletas direcionadas. Vejamos a seguir os enunciados produzidos por AA.

Além disso, em relação a essa situação, na parte de complementação da sentença, o informante AA usa o conectivo PQ de forma correspondente ao português, entretanto o conectivo PI é utilizado como PQ (cf. 51):

- (51) i) João faltou ao trabalho *porque ele quer descansar, mais demais sair.*
 ii) João dormiu demais *por isso ele sair com mulheres e festar sem descansar.* (AA: 4)

Dessa forma, conforme o quadro abaixo, relacionado aos exemplos (50) e (51), AA expressa a relação lógica, entretanto, a ordem do conectivo PI é NC ao português.

AA	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
50	+	+	-	-
51 (i)	+	+	PQ	+
51 (ii)	+	-	PI	-

No dado em (52), o informante AA não usa conectivo para expressar a relação entre p e q :

- (52) *A minha mãe não viu o vaso de vidro caiu em cima da mesa [...]*
 ‘A minha mãe não viu o vaso de vidro que caiu em cima da mesa’. (AA: 4)
 Contexto: O vaso de vidro quebrou-se. Qual foi o motivo de o vaso se quebrar?

Ainda em relação à situação apresentada em (52), verificamos em (53) uso NC do conectivo PI no item ii (cf. 53 ii). No item i, por sua vez, AA não utiliza conectivo, conforme havia sido solicitado:

- (53) i) O vaso caiu *na mesa* quebrou.
 ii) O vaso quebrou *por isso* Maria esbarrou na mesa.

Conforme o quadro abaixo, o informante AA não utilizou o conectivo PQ em nenhum dos exemplos em (52) e (53). Temos também o uso de PI de forma NC à língua-alvo.

AA	Relação Lógica	Conectivo	
		Tipo	C/NC
52	+	-	-
53 (i)	+	PI	-
53 (ii)	+	PQ	-

Em (54) e (55 ii), AA identifica a relação lógica e utiliza o conectivo PQ de forma C ao português. No exemplo (55 i), o informante utiliza o conectivo PI de forma NC à língua-alvo:

(54) . [...] *ele está com dor de barriga. Porque ele guloso [...]*

‘Ele está com dor de barriga, porque ele é guloso. (AA: 4)

Contexto: Garfield está com dor de barriga. Por que o gato está com dor de barriga?

(55) i) Garfield está com dor de barriga *continuando por isso ele guloso.*
 ii) Garfield comeu demais *sempre porque ele viciado.*

Resumimos, então, os dados (54) e (55) no quadro abaixo:

AA	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
54	+	+	PQ	+
55 (i)	+	-	PI	-
55 (ii)	+	+	PQ	+

Assim, com relação à parte direcionada das coletas 3 e 4, o informante AA apresenta alguns usos C e NC dos conectivos PQ e PI e, portanto, encontra-se no Tipo 1.

Perfil do Informante AA:

O informante AA encontra-se na interlíngua básica, pois os resultados encontrados foram os seguintes: Tipos A, B, C e D e Tipo 1.

5.3.3 Informante AB

O informante AB encontra-se em um estágio básico-intermediário da aquisição das estruturas de CAUS-CONS do português, pois, durante o período das coletas, apresenta expressões dos Tipos A e B nas coletas espontâneas e dos Tipos 1 e 2 na coleta direcionada. Vejamos a seguir os enunciados produzidos por AB.

Coletas 1, 2 e parte espontânea da coleta 4

De acordo com a nossa classificação, os dados (56) e (57) encaixam-se no Tipo A, pois encontramos uma justaposição da expressão dos fatos, com ausência de conectivos, o que pode indicar uma interferência da L1, pois a relação de CAUS-CONS em Libras (cf. capítulo 3) pode também ser indicada com uma juntura marcada, ou seja, uma espécie de “pausa”, em que não se usa, necessariamente, um conectivo propriamente dito:

- (56) [...] *pessoa não cuida bem no rio _ pode acontecer doença grave.*
“As pessoas não cuidam bem do rio, por isso poderá acontecer uma doença grave”. (AB: 1)
- (57) [...] *Mundo precisa cuidar bom agua doce _ pode acabar futuro.*
“O mundo precisa cuidar bem da água doce, porque esta poderá acabar no futuro”. (AB: 1)

Em (58), o informante utiliza a ordem CONS-CAU, entretanto o conectivo ‘pois’ utilizado é usado no lugar de PQ. Portanto, o dado (58) encontra-se no Tipo D:

(58) *Anorexia é um doença, pois falta alimentação bem.*

Consequência Causa

‘Anorexia é uma doença porque falta uma boa alimentação’.

(AB: 2)

Em (59), há o uso de estruturas do tipo descritivo-narrativas – Tipo A – e em (60) o uso da ordem CAUS-CONS, com o conectivo ‘depois’- Tipo C. Conforme se observará nas demais produções de outros informantes, o conectivo ‘depois’, particularmente, é empregado com frequência para indicar a relação de CAUS-CONS:

(59) *O Garfield empurro o bola neve depois resolvi subi escada pulou em cima caiu a bola neve voa desceu acima cabeça de homem.*

‘O Garfield empurrou a bola de neve, depois resolveu subir a escada e pulou. A bola de neve voou e caiu em cima da cabeça do homem’.

(AB: 4)

(60) *Magali carrega a melancia cheia pesada indo direito da rua nem viu bem depois ela escorrego sozinho.*

Causa

Consequência

‘Magali carrega a melancia pesada. Ela estava indo direito na rua e não direito e depois ela escorregou sozinha’.

(AB: 4)

Assim, identificamos os Tipos A, C e D nas expressões espontâneas de causa e consequência do informante AB.

Coleta 3

Na coleta 3, o informante AB evidencia compreender a pergunta, conforme os conjuntos (61) e (62). Em (61), há o uso C à língua-alvo dos conectivos PQ e PI nas alternativas do exemplo (62), somente:

(61) 1- PI - *Por isso ela ficou preocupada não sabe ler direito.*

2 - PQ - *Porque ela não estudo portuques.*

Contexto: O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler. O que ela fez?

(62) 1- PI - *Por isso o carroça errou atravessa bateu carro tinha muita alta velocidade.*

2 - PQ - *Porque o carroça não viu direito atrás resolveu pular atravessa.*

Contexto: Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro. O que aconteceu?

Em (63) e (64), os conectivos PQ e PI empregados são NC à língua-alvo:

(63) 1 - PI - *Por isso ela fez o macarrão estava sem sabor.*

2- PQ - *Porque ela não tem fazer macarrão deliciosa esta depressa sair.*

Contexto: Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado. O que ela fez?

(64) 1 - PI *Por isso eles pensou não vai chover mais tarde já aconteceu começou a chuva.*

2 – PQ - *Porque eles não levou guarda-chuva possa não vai chover e depois acontecer.*

Contexto: Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva. O que aconteceu?

Assim, resumimos os dados de (61) a (64) no quadro abaixo:

AB		Compreensão da Pergunta	Relação CAUS-CONS/ CONS-CAUS	Conectivo
61	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
62	PI	+	+	+

	PQ	+	+	+
63	PI	+	-	-
	PQ	+	-	-
64	PI	+	-	-
	PQ	+	-	-

No conjunto de dados de (65) a (71), o informante AB precisava completar o restante da alternativa iniciada com o conectivo PI, ou seja, a consequência. Apesar de AB compreender a perguntar, verificamos que em todas as alternativas não há o uso C à língua-alvo do conectivo PI. O informante utiliza o conectivo PI no lugar de PQ:

- (65) Perdi a tampa da caneta e por isso *eu esqueci colocar tampa*
(66) Ontem choveu muito e por isso *quarto mês sem chover*
(67) Ele não fez a lição de casa e por isso *ela esta cansada demais*
(68) O café está muito quente e por isso *ficou muito tempão ficou muito quente.*
(69) Ele estava correndo na escada e por isso *eu estava atrasado trabalho*
(70) Estou com calor e por isso *levou roupa pesada*
(71) Hoje faltou água em casa e por isso *o problema a aqua cano quebrou*

Assim, resumimos os dados produzidos por AB de (65) a (71) no quadro abaixo:

AB	Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS	PI
65	+	+	-
66	+	+	-
67	+	+	-
68	+	+	-
69	+	+	-
70	+	+	-
71	+	+	-

Coleta 4

Em (72), observamos que o informante AB repete a pergunta em sua resposta e utiliza o conectivo ‘causa’ para expressar o motivo de ‘João ter faltado ao trabalho’:

(72) *Porque o João faltou trabalho causa ela foi diversão coisa boa depois volto mais tarde perdeu tempo não acordou [...]*

‘João faltou ao trabalho porque ele foi a uma boa diversão, depois voltou tarde e por isso perdeu o horário e não acordou’. (AB: 4)

Contexto: João faltou ao trabalho. Qual foi o motivo que levou João a faltar o trabalho?

Nos exemplos em (73) AB usa de forma C o conectivo PQ e de forma NC o conectivo PI:

- (73) i) João faltou ao trabalho porque ele não acordo bem direito.
ii) João dormiu demais por isso João foi diversão coisa boa volto sem quer acorda.

Dessa forma, resumimos os resultados em (72) e em (73) no quadro abaixo:

AB	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
72	+	+	PQ/causa	+
73 (i)	+	+	PQ	+
73 (ii)	-	-	PI	-

Nos dados em (74), o informante AB inicia a resposta da questão solicitada com o conectivo PI, fazendo assim uma espécie de ‘construção-espelho’ ou retomada do enunciado da questão. Vemos também o aparecimento do conectivo ‘depois’ para introduzir a consequência:

(74) *Por isso o vaso de vidro quebro sem querer coisa o abraço atrapalho bateu no mesa depois caiu quebro na hora.*

‘O vaso de vidro quebrou sem querer porque ela bateu o braço na mesa, depois o vaso caiu e quebrou na hora’. (AB: 4)

Contexto: O vaso de vidro quebrou-se. Qual foi o motivo de o vaso se quebrar?

Em (75), o informante AB utiliza de forma C os conectivos PQ e PI:

- (75) i) O vaso caiu por isso quebrou.
 ii) O vaso quebrou porque Maria esbarrou na mesa.

Então, resumimos os resultados encontrados em (74) e em (75) no quadro abaixo:

AB	Relação Lógica	Conectivo	
		Tipo	C/NC
74	+	PI/depois	+
75 (i)	+	PI	+
75 (ii)	+	PQ	+

Verificamos que, em (76), o informante AB novamente repete a pergunta em sua resposta usa de forma C o conectivo PQ:

(76) *Porque o gato engoliu todo bolo grande rápido um minuto fico dor de barriga forte.*

‘O gato ficou com dor de barriga porque engoliu rápido, em um minuto, um bolo grande inteiro’.

Contexto: Garfield está com dor de barriga. Por que o gato está com dor de barriga?

Verificamos em (77) que AB utiliza de forma C ambos os conectivos:

- (77) i) Garfield está com dor de barriga porque o gato esta com cheia barriga alimento.
 ii) Garfield comeu demais por isso o gato comeu rápido ficou ruim.

Dessa forma, resumimos os resultados de (76) e de (77) no quadro abaixo:

AB	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
76	+	+	PQ	+
77 (i)	+	+	PQ	+
77 (ii)	+	+	PI	+

O informante AB, assim, na parte direcionada, apresenta usos C de PQ e alguns usos C e NC do conectivo PI e, portanto, encontra-se entre os Tipos 1 e 2.

Perfil do Informante AB:

O informante AB encontra-se na interlíngua básico-intermediária, pois os resultados encontrados foram os seguintes: Tipos A, C e D e Tipos 1 e 2.

5.3.4 Informantes AC, AD, AE, AF e AG

O grupo de informantes AC, AD, AE, AF e AG encontra-se em um estágio básico da aquisição das estruturas de CAUS-CONS do português, pois, durante o período das coletas, apresenta expressões dos Tipos A e C nas coletas espontâneas e do Tipo 1 nas coletas direcionadas. Vejamos a seguir os enunciados produzidos pelo grupo.

Coletas 1 e 2 e parte espontânea da coleta 4

Nos enunciados de (78) a (82), temos exemplos do Tipo C, em que há a ordem CAUS-CONS e os conectivos ‘depois’, ‘e agora’, ‘então’ e PI utilizados de forma C à língua-alvo:

(78) [...] *ele já bebeu para água. Depois ele ficou doente.*

Causa

Consequência

‘Ele bebeu a água e depois ficou doente’.

(AC: 1)

Coleta 3

De um modo geral, na coleta 3, os informantes usaram os conectivos PQ e PI com poucas formas C ao português. Ilustramos essa situação com os enunciados produzidos por AD e por AC. Em (84), reconhece a relação de CAUS-CONS, entretanto não há relação lógica entre as proposições. Nos exemplos de (85) a (87), há o uso NC à língua-alvo do conectivo PI em todas as alternativas e o uso C do PQ nas alternativas (86) e (87):

- (84) 1- PI - *O correio entregou uma carta na casa por isso ela não sabia ler.*
2- PQ - *O correio entregou uma carta na casa porque ela não sabia ler.*
Contexto: O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler. O que ela fez? (AD: 3)
- (85) 1- PI - *Uma carro vinha correndo pela rua e uma carroça resolveu atravessar na frente do carro por isso não tem prestou atenção.*
2 – PQ - *Um carro vinha correndo pela rua e uma carroça resolveu atravessar na frente do carro porque já acontecer acidente.*
Contexto: Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro. O que aconteceu? (AD: 3)
- (86) 1- PI - *Ela foi almoçar na casa de uma amiga por isso ela esta gulosa o macarrão esta salgado.*
2 – PQ - *Ela foi almoçar na casa de uma amiga porque ela adora comer o macarrão esta salgado.*
Contexto: Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado. O que ela fez? (AD: 3)
- (87) 1- PI - *Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva por isso eles esquecem.*
2 – PQ *Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva porque eles não percebem o tempo.*
Contexto: Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva. O que aconteceu? (AD: 3)

Assim, um resumo dos dados de (84) a (87) encontra-se no quadro abaixo:

AD		Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/CONS-CAU	Conectivo
84	PI	-	+	-
	PQ	-	+	-
85	PI	-	+	-
	PQ		+	-
86	PI	-	-	-
	PQ	+	+	+
87	PI	+	+	-
	PQ	+	+	+

No conjunto de exemplos de (88) a (91), apenas em (88) o informante AC usa o conectivo PI de forma C à língua-alvo. Nas demais alternativas, o informante usa PQ em vez de PI:

- (88) Perdi a tampa da caneta e por isso é sumiu a tampa da caneta.
 (89) Ontem choveu muito e por isso estava é muito calor.
 (90) Ele não fez a lição de casa e por isso ele é preguiça.
 (91) O café está muito quente e por isso estava levando no forno.

Assim, resumimos os dados produzidos por AC de (88) a (91) no quadro abaixo:

AC	Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS.	PI
88	+	+	+
89	+	-	-
90	+	+	-
91	+	+	-

Coleta 4

Na coleta 4, os informantes apresentaram usos C e NC dos conectivos PQ e PI. Ilustraremos com enunciados produzidos por AC e por AE. Em (92) observamos que o conectivo PQ é usado no lugar de PI:

- (92) *João esta trabalho muito porque ele esta cansado demais.*
'João está trabalhando muito por isso ele está cansado demais.
Contexto: João faltou ao trabalho. Qual foi o motivo que levou João a faltar o trabalho? (AC: 4)

Em (93), observamos que o conectivo PQ é usado de forma C ao português. Porém o conectivo PI é usado de forma NC:

- (93) i) João faltou ao trabalho porque ele esta dormindo muito.
ii) João dormiu demais por isso ele foi cansado muito.

Dessa forma, resumimos os dados produzidos por AC em (92) e em (93) no quadro abaixo:

AC	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
92	-	-	PQ	-
93 (i)	+	+	PQ	+
93 (ii)	-	-	PI	-

Encontramos em (94) o uso do conectivo 'e' para expressar a relação de causa e consequência:

- (94) *A criança derrubou o vaso e caiu o chão quebrou.*
'A criança derrubou o vaso e por isso caiu no chão e quebrou'.
Contexto: O vaso de vidro quebrou-se. Qual foi o motivo de o vaso se quebrar? (AE: 4)

Em (95), o informante troca os conectivos PQ e PI:

- (95) i) O vaso caiu porque quebrou.
 ii) O vaso quebrou por isso Maria esbarrou na mesa.

Em uma síntese dos dados (94) e (95), temos o quadro abaixo:

AE	Relação Lógica	Conectivo	
		Tipo	C/NC
94	+	E	+
95 (i)	-	PI	-
95 (ii)	-	PQ	-

Em (96), há o uso NC do conectivo PQ:

- (96) *O Garfield esta com fome muito porque ele gosto muito comer para o bolo.*
 ‘O Garfield está com muita fome por isso ele gosta muito de comer o bolo’
 Contexto: Garfield está com dor de barriga. Por que o gato está com dor de barriga? (AC: 4)

Temos em (97) o uso C de PQ e o uso NC de PI:

- (97) i) Garfield está com dor de barriga porque *ele esta com fome.*
 ii) Garfield comeu demais por isso *ele gostou muito do bolo.*

Assim, temos o seguinte quadro referente aos dados em (96) e em (97):

AC	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
96	-	-	PQ	-
97 (i)	+	+	PQ	
97 (ii)	-	-	PI	

Assim na parte direcionada, o grupo de informantes apresenta usos C e NC de PQ e de PI e, portanto, encontra-se no Tipo 1.

Perfil do Grupo de Informantes de AC a AG:

Os informantes encontram-se na interlíngua básica, pois os resultados encontrados foram os seguintes: Tipos A, descritivo-narrativo, sem conectivo e C, com conectivos temporais e Tipo 1.

5.3.5 Informante AH

O informante AH encontra-se em um estágio básico-intermediário da aquisição das estruturas de CAUS-CONS do português, pois, durante o período das coletas, apresenta expressões do Tipo E nas coletas espontâneas e do Tipo 1 na coleta direcionada. Vejamos a seguir os enunciados produzidos por AH.

Coletas 1 e 2¹⁷

Nos exemplos de (98) a (100), o informante usa a ordem CONS-CAUS e os conectivos PQ e ‘por causa de’ de forma C à língua-alvo. Temos, portanto, o Tipo E:

(98) [...] *Olha a casa tem dentro sujo também porque o homem não fez limpo lá em casa*

Consequência

Causa

‘Olha, a casa está suja também porque o homem não a limpou’ (AH: 1)

(99) [...] *ele está dormindo na cama dia inteiro por causa do dor de febre [...]*

Consequência

Causa

‘Ele está dormindo na cama o dia inteiro por causa da febre’. (AH: 1)

¹⁷ O informante AH não participou da coleta 4 e, portanto, não temos os dados da parte direcionada da coleta 4.

(100) *A pessoa é problema por causa de dor do magro, falta de comer e beber.*

Consequência

Causa

‘A pessoa está com problema por causa da dor, falta de comer e beber’ (AH: 2)

Assim sendo, de acordo com os dados acima apresentados, o informante AH utiliza o Tipo E nas expressões espontâneas de causa e consequência.

Coleta 3

No conjunto de dados de (101) a (104), o informante AH não usou os conectivos PQ e PI, mas em suas respostas há uma relação de CAUS-CONS, apesar de não responder exatamente ao que se pedia na questão:

(101) 1- PI - *Ela precisa aprender e conhecer um português.*

2 – PQ - *Ela não conhece algumas palavras.*

Contexto: O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler. O que ela fez? (AH: 3)

(102) 1 - PI - *Ele precisa chegar cedo no trabalho.*

2 – PQ - *Pode descortar salário dele.*

Contexto: Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro. O que aconteceu? (AH: 3)

(103) 1- PI - *Ela precisa aprender cozinhar.*

2 – PQ - *Ela não sabia fazer uma cozinha.*

Contexto: Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado. O que ela fez? (AH: 3)

(104) 1- PI - *Eles saiam na casa sem pegar guarda-chuva.*

2 – PQ - *Eles não sabia a notícia mostra quando chove.*

Contexto: Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva. O que aconteceu? (AH: 3)

Dessa forma, temos no quadro abaixo um resumo dos dados de (101) a (104):

AH		Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/CONS-CAUS	Conectivo
101	PI	-	+	-
	PQ	+	+	-
102	PI	-	-	-
	PQ	-	-	-
103	PI	-	-	-
	PQ	-	-	-
104	PI	+	+	-
	PQ	+	+	-

Nos dados de (105) a (111), há apenas 2 usos C à língua-alvo do conectivo PI: (106) e em (111). Nas alternativas (105), (107), (108), (109) e (110) o informante usou PQ no lugar de PI:

(105) Perdi a tampa da caneta e por isso *sumiu tampa*

(106) Ontem choveu muito e por isso *limpou na rua*

(107) Ele não fez a lição de casa e por isso *foi ocupado muito*

(108) O café está muito quente e por isso *não desligou no fogão*

(109) Ele estava correndo na escada e por isso *roubou um pássaro*

(110) Estou com calor e por isso *foi muito gás carbônico*

(111) Hoje faltou água em casa e por isso *acabou*

Assim, o quadro abaixo resume os dados apresentados acima:

AH	Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/CONS-CAUS	PI
105	+	-	-
106	+	+	+
107	+	+	-
108	+	+	-
109	-	-	-
110	+	-	-
111	+	+	+

Assim, com relação à parte direcionada, o informante AH apresenta poucos usos C dos conectivos PQ e PI e, portanto, encontra-se no Tipo 1.

Coleta 4

O informante AH não participou da coleta 4.

Perfil do Informante AH:

O informante AH está em uma fase transitória entre as interlínguas, pois oscila entre o básico e o intermediário. Quanto à parte espontânea, temos o Tipo E, porém, quanto à parte direcionada, na coleta 3 temos o Tipo 1, entretanto ficamos sem condições de chegar a considerações mais conclusivas porque houve a falta da coleta 4.

5.3.6 Informante BA

O informante BA encontra-se em um estágio intermediário-avançado da aquisição das estruturas de CAUS-CONS do português, pois, durante o período das coletas, apresenta expressões do Tipo E nas coletas espontâneas e do Tipo 3 na coleta direcionada. Vejamos a seguir os enunciados produzidos por BA.

Coleta 2¹⁸

Em (112), o informante usa a ordem CONS-CAUS e conectivo C, portanto temos o Tipo E:

- (112) [...] *deixa de comer porque se acha gorda.*
Consequência Causa
‘Deixa de comer porque se acha gorda’. (BA: 1)

Nos dados em (113) e em (114), o informante BA faz uma descrição-narração dos quadrinhos, o que nos permite afirmar que ambos os enunciados encontram-se no Tipo A:

(113) *Nos quadrinhos me deu a entender que o gato tinha um plano de vingança com o seu inimigo, juntou uma grande bola de neve caiu em cima de seu inimigo, o gato conseguiu o que queria.*

‘Nos quadrinhos me deu a entender que o gato tinha um plano de vingança contra o seu inimigo, então ele juntou uma grande bola de neve e derrubou em cima de seu inimigo. O gato conseguiu o que queria’. (BA: 4)

(114) *A Magali estava ansiosa pra comer a melancia, resolveu levar pra casa pra comer sozinha, no caminho a coitadinha não tinha percebido a casca de banana no seu caminho, acabou caindo, a melancia jogou ela caiu.*

‘A Magali estava ansiosa para comer a melancia, então resolveu levar a fruta para casa para comer sozinha. No caminho, a coitadinha não tinha percebido uma casca de banana, e por isso acabou caindo. Ela jogou a melancia e esta também caiu’. (BA: 4)

Assim sendo, de acordo com os dados acima apresentados, o informante BA utiliza os Tipos A e E nas expressões espontâneas de causa e consequência.

¹⁸ O informante BA não participou da primeira coleta.

Coleta 3

Nos exemplos de (115) a (118), há o uso C em todas as alternativas dos conectivos PI e PQ:

- (115) 1- PI - Por isso pediu pra uma vizinha pra ler.
2 – PQ - Porque ela era analfabeta.
Contexto: O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler. O que ela fez? (BA: 3)
- (116) 1- PI - Por isso atropelou um cachorro.
2 – PQ - Porque ele estava atrasado para o trabalho.
Contexto: Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro. O que aconteceu? (BA: 3)
- (117) 1- PI - Por isso comeu pouco.
2 – PQ - Porque ela acrescentou muito sal.
Contexto: Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado. O que ela fez? (BA: 3)
- (118) 1- PI - Por isso eles se molharam.
2 – PQ - Porque eles estavam achando que não ia chover.
Contexto: Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva. O que aconteceu? (BA: 3)

Assim, o quadro abaixo resume os dados apresentados de (115) a (118):

BA		Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/CONS-CAUS	Conectivo
115	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+

116	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
117	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
118	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+

Nos enunciados de (119) a (122) de BA, há o uso C em todas as alternativas do conectivo PI:

- (119) Perdi a tampa da caneta e por isso eu fui procurar até encontrar.
- (120) Ontem choveu muito e por isso eu fiquei em casa o dia inteiro.
- (121) Ele não fez a lição de casa e por isso ficou o dia inteiro de castigo.
- (122) O café está muito quente e por isso eu me queimei.

Assim, o quadro abaixo resume os dados apresentados de (119) a (122):

BA	Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/CONS-CAUS	PI
119	+	+	+
120	+	+	+
121	+	+	+
122	+	+	+

Coleta 4

Temos o uso correspondente dos conectivos PQ e PI em (123) e em (124):

- (123) João faltou ao trabalho porque adoecia.

Contexto: João faltou ao trabalho. Qual foi o motivo que levou João a faltar o trabalho? (BA: 4)

- (124) i) João faltou ao trabalho *porque estava doente*.
 ii) João dormiu demais *por isso faltou ao trabalho*.

Assim, o quadro abaixo resume os dados em (123) e em (124):

BA	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
123	+	+	PQ	+
124 (i)	+	+	PQ	+
124 (ii)	+	+	PI	+

No dado em (125), temos o uso C do conectivo PQ:

(125) *O vaso de vidro se quebrou porque Maria não percebeu que o vaso estava na sua frente em local que não pensava que estava em lugar diferente.*

Contexto: O vaso de vidro quebrou-se. Qual foi o motivo de o vaso se quebrar?

(BA: 4)

Em (126), o informante BA troca os conectivos PQ e PI:

- (126) i) O vaso caiu *porque william* quebrou.
 ii) O vaso quebrou *por isso* Maria esbarrou na mesa.

Dessa forma, o quadro abaixo resume os dados (125) e (126):

BA	Relação Lógica	Conectivo	
		Tipo	C/NC
125	+	PQ	+
126 (i)	-	PI	-
126 (ii)	-	PQ	-

Nos dados (127) e (128), os conectivos PQ e PI são usados de forma C à língua-alvo:

(127) *porque ele comeu o bolo inteiro ou comeu muito.*

Contexto: Garfield está com dor de barriga. Por que o gato está com dor de barriga? (BA: 4)

(128) i) Garfield está com dor de barriga *porque* comeu um bolo todo.

ii) Garfield comeu demais *por isso* ficou com dor de barriga.

Assim, resumimos os dados em (127) e em (128) no quadro abaixo:

BA	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
127	+	+	PQ	+
128 (i)	+	+	PQ	+
128 (ii)	+	+	PI	+

Assim, com relação à parte direcionada, o informante BA apresenta vários usos C dos conectivos PQ e PI e, portanto, encontra-se entre os Tipos 2 e Tipo 3.

Perfil do Informante BA:

O informante BA encontra-se na interlíngua intermediário-avançada, pois os resultados encontrados foram os seguintes: Tipo E e Tipos 2 e 3.

5.3.7 Informante BB

O informante BB encontra-se em um estágio intermediário-avançado da aquisição das estruturas de CAUS-CONS do português, pois, durante o período das coletas, apresenta

expressões dos Tipos A, B, C e E nas coletas espontâneas e dos Tipos 2 e 3 na coleta direcionada. Vejamos a seguir os enunciados produzidos por BB.

Coletas 1 e 2 e parte espontânea da coleta 4

Nos exemplos de (129) a (131), o informante BB utiliza ambas as ordens, CAUS-CONS e CONS-CAUS e variados conectivos: ‘por causa da’, ‘depois’ e ‘pois’ de forma C à língua-alvo, estando, assim, nos Tipos C e E:

(129) *A população falta responsabilizar por causa da jogada do papel, latas vazias da comida e muitas coisas.*

Consequência	Causa
‘Falta responsabilidade da população porque joga papel, latas vazias de comida e muitas outras coisas’.	(BB: 1)

(130) *O menino torneira para ver água suja. Teve coragem p/ beber a água. Depois aconteceu doer na barriga.*

Causa	Consequência
‘O menino abre a torneira para ver a água suja. Teve coragem para beber a água. Depois a barriga dele doeu’.	(BB: 1)

(131) *Ele ficou internado no hospital pois tem problema a doença de diarreia, dengue e febre.*

Consequência	Causa
‘Ele ficou internado no hospital, pois tem problema: diarreia, dengue e febre’.	(BB: 1)

Em (132), o informante BB utiliza o conectivo ‘até’, embora NC à língua-alvo, para expressar a CAUS-CONS, em uma ordem do tipo cronológica (Tipo B):

(132) *A moça queria ser magra forte até morte.*

Causa	Consequência
-------	--------------

‘A moça queria ser muito magra até a morte’.

(BB: 2)

Nos dados em (133) e em (134), temos o Tipo A, ou seja, estruturas do tipo descritivo-narrativas, sem conectivo:

(133) *O gato empurrou em cima a bola de neve grande na escada. A bola de neve sozinho caiu. O homem viu a frente da para descer ao neve.*

‘O gato empurrou uma grande bola de neve para a escada. A bola de neve caiu sozinha. O homem viu na sua frente a bola de neve’.

(134) *Magali carrega a melancia e não viu a banana caiu no chão.*

‘Magali carrega a melancia e não viu uma banana no chão e por isso caiu’.

Assim sendo, de acordo com os dados acima apresentados, o informante BB utiliza os Tipos A, B, C e E nas expressões espontâneas de CAUS-CONS.

Coleta 3

O informante BB usa de forma C à língua-alvo os conectivos PI e PQ nos exemplos de (135) a (138):

(135) 1- PI - *O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler por isso amigo ajudou-te ler.*

2 – PQ - *O correio entregou uma carta ma casa dela, mas ela não sabia ler porque ela não estudou.*

Contexto: O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler. O que ela fez? (BB: 3)

(136) 1- PI - *Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro por isso atropelou.*

2 – PQ - *Porque faltou atenção na rua.*

Contexto: Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro. O que aconteceu? (BB: 3)

- (137) 1- PI - *Por isso abandonou.*
 2 – PQ - *Porque pode pressão alto no coração.*
 Contexto: Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado. O que ela fez? (BB: 3)

- (138) 1- PI - *Por isso ficou molhado no corpo.*
 2 – PQ - *Porque eles esqueceu a guarda-chuva*
 Contexto: Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva. O que aconteceu? (BB: 3)

Assim, resumimos os dados de (135) a (138) no quadro abaixo:

	BB	Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/ CONS-CAUS	Conectivo
135	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
136	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
137	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
138	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+

Observamos que, de (139) a (145), há o uso NC à língua-alvo do conectivo PI apenas em (139), em (141) e em (145):

- (139) Perdi a tampa da caneta e por isso *não segurei a caneta*
 (140) Ontem choveu muito e por isso *encheu água no rio.*
 (141) Ele não fez a lição de casa e por isso *assistiu na televisão*
 (142) O café está muito quente e por isso *queima língua*

- (143) Ele estava correndo na escada e por isso *caiu no chão*
- (144) Estou com calor e por isso *serei cecê na camisa*.
- (145) Hoje faltou água em casa e por isso *desligou*.

Assim, o quadro abaixo resume os dados apresentados acima apresentados:

BB	Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/CONS-CAUS	PI
139	+	-	-
140	+	+	+
141	+	+	-
142	+	+	+
143	+	+	+
144	+	+	+
145	+	-	-

Coleta 4

Em (146), há o uso NC do conectivo PQ:

- (146) *João ficou de doente por causa da faltada ao trabalho.*

‘João ficou doente, por isso faltou ao trabalho’.

Contexto: João faltou ao trabalho. Qual foi o motivo que levou João a faltar o trabalho? (BB: 4)

Temos usos C de ambos os conectivos em (147):

- (147) i) João faltou ao trabalho porque ficou doente.
 ii) João dormiu demais por isso faltou ao trabalho.

Temos, assim, o resumo dos dados em (146) e em (147) no quadro abaixo:

BB	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
146	-	-	Por causa da	-
147 (i)	+	+	PQ	+
147 (ii)	+	+	PI	+

No exemplo (148), o informante BB utiliza a preposição ‘após’ para indicar a consequência, no lugar de ‘depois’:

(148) *Pessoa empurrou o vaso após caiu e quebrou.*

‘Uma pessoa empurrou o vaso, depois o vaso caiu e quebrou’.

Contexto: O vaso de vidro quebrou-se. Qual foi o motivo de o vaso se quebrar?

(BB: 4)

Em (149), temos apenas usos C dos conectivos PQ e PI:

(149) i) O vaso caiu *por isso* quebrou.

ii) O vaso quebrou *porque* Maria esbarrou na mesa.

Assim, resumimos os dados apresentados em acima no quadro abaixo:

BB	Relação Lógica	Conectivo	
		Tipo	C/NC
148	+	Após/ e	+
149 (i)	+	PI	+
149 (ii)	+	PQ	+

Em (150) e em (151), o informante BB utiliza de forma C os conectivos ‘então’, PQ e PI:

(150) *Acontece comer muito, então está com dor de barriga.*

‘Comeu muito, então está com dor de barriga’.

Contexto: Garfield está com dor de barriga. Por que o gato está com dor de barriga? (BB: 4)

(151) i) Garfield está com dor de barriga *porque ele come muito.*

ii) Garfield comeu demais *por isso está com dor de barriga.*

Assim, resumimos os dados apresentados em (150) e em (151) no quadro abaixo:

BB	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
150	+	+	Então	+
151 (i)	+	+	PQ	+
151 (ii)	+	+	PI	+

Dessa forma, com relação à parte direcionada, o informante BB apresenta vários usos C dos conectivos PQ e PI e, portanto, encontra-se entre os Tipo 2 e 3.

Perfil do Informante BB:

O informante BB encontra-se na interlíngua intermediário-avançada, pois os resultados encontrados foram os seguintes: Tipos A, B, C e E e Tipos 2 e 3.

5.3.8 Informantes CA, CB e CC

O grupo de informantes CA, CB e CC encontra-se em um estágio avançado da aquisição das estruturas de causa e consequência do português, pois, durante o período das coletas, apresenta expressões do Tipo E nas coletas espontâneas e do Tipo 3 na coleta direcionada. Vejamos a seguir os enunciados produzidos pelo grupo.

Coletas 1 e 2 e parte espontânea da coleta 4

Em (152) e em (153) temos o Tipo E, em que há o uso da ordem CONS-CAUS e de conectivo C:

- (152) *O terceiro quadrinho o ruivo ficou doente porque bebeu a água suja [...]*
Consequência Causa
'No terceiro quadrinho, o ruivo ficou doente porque bebeu a água suja'.
(CA: 1)

- (153) *O menino ficou doente por causa da água contaminada.*
Consequência Causa
'O menino ficou doente por causa da água contaminada'. (CB: 1)

Em (154) e em (155), identificamos o Tipo F. O informante CC utiliza a ordem de CAUS-CONS tendo como conectivos as preposições 'com' e 'ao':

- (154) [...] com a falta de saneamento a poluição chega aos rios próximo ao "povoado"
Causa Consequência
'Com a falta de saneamento, a poluição chega aos rios, próximo ao "povoado"'. (CC: 1)

- (155) [...] ao utilizar esse água sem tratamento não (se) temos saúde!
Causa Consequência
'Ao utilizar essa água sem tratamento, não temos saúde'. (CC: 1)

Nos exemplos em (156) e em (157), apesar de termos uma descrição-narração, o informante CA utiliza o conectivo 'e' para expressar a relação de CAUS-CONS (Tipo C):

- (156) *O Garfield estava juntando a neve para transformar uma bola e levou para alavanca, depois subiu de escada para pular na alavanca e jogou a bola de neve contra o dono para sacanear.*

Causa

Consequência

‘O Garfield estava juntando a neve para transformá-la em uma bola e levou-a para alavanca, depois subiu na escada para pular na alavanca e jogou a bola de neve contra o dono para sacaneá-lo.’ (CA: 4)

- (157) *A Magali estava carregando uma melancia para casa dela, no caminho de repente ela pisou na casca de banana escorregou e caiu no chão.*

Causa

Consequência

‘A Magali estava carregando uma melancia para a casa dela, de repente, no caminho, ela pisou em uma casca de banana, escorregou e caiu no chão’. (CA: 4)

Assim sendo, de acordo com os dados acima apresentados, os informantes CA, CB e CC utilizam os Tipos A, E e F nas expressões espontâneas de causa e consequência.

Coleta 3

Na coleta 3 o grupo de informantes apresentou somente usos C dos conectivos PQ e PI. Ilustraremos com os enunciados de CA e CC. No conjunto de dados de (158) a (161), há o uso C à língua-alvo dos conectivos PQ e PI em todas as alternativas:

- (158) 1- PI - *O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler por isso guardou a carta.*

2 - PQ - *O correio entregou uma carta na casa dela, ela não sabia ler porque ela é analfabeta.*

Contexto: O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler. O que ela fez? (CA: 3)

- (159) 1- PI - *Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro por isso aconteceu uma acidente.*
 2 – PQ - *Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro porque não prestou atenção.*
 Contexto: Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro. O que aconteceu? (CA: 3)
- (160) 1- PI - *Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado por isso deixou de comer.*
 2 – PQ - *Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado porque uma amiga colocou muito sal.*
 Contexto: Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado. O que ela fez? (CA: 3)
- (161) 1- PI - *Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva por isso todos molharam.*
 2 – PQ - *Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva porque eles esqueceram de levar.*
 Contexto: Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva. O que aconteceu? (CA: 3)

Assim, resumimos os dados apresentados em acima no quadro abaixo:

CA		Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS/CONS-CAUS	Conectivo
158	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
159	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
160	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+
161	PI	+	+	+
	PQ	+	+	+

No conjunto de dados de (162) a (168), temos o uso C à língua-alvo do conectivo PI em todas as alternativas:

- (162) Perdi a tampa da caneta e por isso a tinta secou.
- (163) Ontem choveu muito e por isso não foram ao cinema.
- (164) Ele não fez a lição de casa e por isso perdeu pontos.
- (165) O café está muito quente e por isso queimei a língua.
- (166) Ele estava correndo na escada e por isso acabou caindo no chão.
- (167) Estou com calor e por isso vou ao clube.
- (168) Hoje faltou água em casa e por isso ficamos com sede.

Assim, resumimos os dados apresentados no conjunto acima no quadro abaixo:

CC	Compreensão da Pergunta	Relação de CAUS-CONS	PI
162	+	+	+
163	+	+	+
164	+	+	+
165	+	+	+
166	+	+	+
167	+	+	+
168	+	+	+

Coleta 4

Ilustramos a coleta 4 com os enunciados produzidos por CA. Em (169) e em (170), há o uso C à língua-alvo dos conectivos PQ e PI:

- (169) *O João dormiu muito porque ele tomou o remédio e não conseguiu levantar no horário certo e faltou ao trabalho.*
‘O João dormiu muito porque ele tomou o remédio e não conseguiu levantar no horário certo e faltou ao trabalho’.

Contexto: João faltou ao trabalho. Qual foi o motivo que levou João a faltar o trabalho? (CA: 4)

- (170) i) João faltou ao trabalho porque o remédio fez dormir.
ii) João dormiu demais por isso faltou o trabalho.

Assim, resumimos os dados apresentados acima no quadro abaixo:

CA	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
169	+	+	PQ	+
170 (i)	+	+	PQ	+
170 (ii)	+	+	PI	+

Temos o uso C à língua-alvo dos conectivos PQ e PI em (171) e em (172):

- (171) *A janela estava aberto e o vento forte conseguiu derrubar o vaso por isso quebrou.*

‘A janela estava aberta e o vento forte conseguiu derrubar o vaso, por isso quebrou’.

Contexto: O vaso de vidro quebrou-se. Qual foi o motivo de o vaso se quebrar?

(CA: 4)

- (172) i) O vaso caiu por isso quebrou.
ii) O vaso quebrou porque Maria esbarrou na mesa.

Assim, resumimos os dados apresentados acima no quadro abaixo:

CA	Relação Lógica	Conectivo	
		Tipo	C/NC
171	+	PI	+
172 (i)	+	PI	+
172 (ii)	+	PQ	+

Nos dados em (173) e em (174), temos o uso C à língua-alvo dos conectivos PQ e PI:

- (173) *O Garfield comeu o bolo inteiro por isso ele ficou com dor de barriga.*
‘O Garfield comeu o bolo inteiro por isso ele ficou com dor de barriga’.

Contexto: Garfield está com dor de barriga. Por que o gato está com dor de barriga? (CA: 4)

- (174) i) Garfield está com dor de barriga porque comeu o bolo inteiro.
ii) Garfield comeu demais por isso deu dor de barriga.

Assim, resumimos os dados apresentados em (173) e em (174) no quadro abaixo:

CA	Relação Lógica	Ordem	Conectivo	
			Tipo	C/NC
173	+	+	PI	+
174 (i)	+	+	PQ	+
174 (ii)	+	+	PI	+

Assim, com relação à parte direcionada, os informantes CA, CB e CC apresentaram usos C dos conectivos PQ e PI e, portanto, encontram-se no Tipo 3.

Perfil do Grupo de Informantes de CA, CB e CC:

Os informantes encontram-se na interlíngua avançada, pois os resultados encontrados foram os seguintes: Tipos E e F e Tipo 3.

Na próxima seção (5.4), apresentamos algumas reflexões e conclusões sobre a análise.

5.4 Conclusões sobre a análise

Neste capítulo, analisamos as produções escritas dos surdos para identificar o processo de aquisição das estruturas de causa e consequência do português. Foram identificadas, de acordo com o uso, três interlínguas distintas.

As interlínguas foram definidas com base em dois tipos principais de critérios extraídos (1) das coletas espontâneas e (2) das coletas direcionadas. O primeiro critério, o das coletas espontâneas, é baseado em cinco tipos, do *Tipo A* ao *Tipo E*, cujo objetivo foi verificar a *ordem* utilizada (cronológica ou não-cronológica) e o *conectivo* (ausente, correspondente ou não-correspondente). Acrescentamos a essa análise mais um Tipo, o *F*, para identificar casos especiais.

No segundo critério, por sua vez, de acordo com a coleta direcionada, identificamos três tipos de usos dos conectivos *porque* e *por isso*, que indicaram a correspondência de uso na língua-alvo, uma vez que cada um desses conectivos emprega uma ordem diferente de causa e de consequência, pois o *por isso* introduz a causa e o *porque* introduz a consequência. Verificamos que o conectivo *porque* é amplamente utilizado e de forma correspondente ao português. O conectivo *por isso*, entretanto, é pouco empregado de forma e, quando utilizado, é de forma não-correspondente à língua-alvo.

Quanto às interlínguas dos informantes, foi possível identificar diferentes situações, algumas com características idiossincráticas e outras que permitiram agrupar os informantes com base em características linguísticas distintivas.

Os aprendizes que não se encaixaram em grupos, ou correspondem a principiante propriamente dito (informante AA) ou encontram-se em situações de transição particulares que precisariam ser observadas por mais tempo, para permitir uma análise mais conclusiva (informantes AB, AH, BA e BB). Com base na observação e nas coletas realizadas, o que

podemos afirmar é que o informante AA demonstra pouco domínio da expressão de CAUS-CONS do português; o informante AB na parte espontânea usa conectivos NC à língua-alvo, mas apresenta alguns usos correspondentes dos conectivos PQ e PI na parte direcionada; o informante AH tem um desenvolvimento da estrutura de CAUS-CONS intermediário na parte espontânea, porém, na parte direcionada tem poucos usos C dos conectivos PQ e PI; o informante BA apresenta um domínio intermediário-avançado da estrutura de CAUS-CONS do português, com pouquíssimos usos NC dos conectivos PQ e PI e, por fim, o informante BB evidencia um nível intermediário-avançado das estruturas de CAUS-CONS, mas temos alguns usos NC de conectivos na parte espontânea. Dessa forma, esses informantes não se concentram nem no nível básico nem no nível avançado, pois cada um apresenta sua própria maneira de passar por uma fase de transição.

Os grupos que pudemos identificar foram o grupo básico e o grupo avançado. O grupo básico, formado pelos informantes AC, AD, AE, AF e AG, é caracterizado pelo uso mais frequente da ordem cronológica e por poucos usos correspondentes à língua-alvo dos conectivos PQ e PI. O grupo 7, por sua vez, constituído pelos informantes CA, CB e CC, se caracteriza pelo pleno domínio das estruturas de causa e consequência do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição do português pelos surdos é um processo gradual, que passa por diferentes estágios caracterizados por interlínguas. Essas interlínguas constituem sistemas provisórios que vão sendo testados e modificados pelo aprendiz mediante a exposição a novos *inputs*. Neste trabalho, examinamos um dentre os vários aspectos a serem adquiridos por um aprendiz falante de outra língua: o uso da expressão da relação de causa e consequência.

Com respeito à aquisição da expressão da relação de causa e consequência em português, desenvolvemos uma análise com base em dois tipos principais de critérios extraídos dos dois tipos de coletas realizadas, as espontâneas e a direcionada, em que se identificou (i) a *ordem* utilizada (cronológica ou não-cronológica) e o *conectivo* (ausente, correspondente ou não-correspondente) e (ii) os usos dos conectivos *porque* e *por isso*. Verificamos que a ordem cronológica é a primeira utilizada na interlíngua básica e o conectivo *porque* é amplamente usado e de forma correspondente ao português. O conectivo *por isso*, entretanto, é pouco empregado de forma espontânea e geralmente é utilizado de forma não-correspondente à língua-alvo.

Esses resultados indicam a interferência da L1, Libras, no processo de aquisição da expressão da relação de causa e consequência do português. Em uma investigação inicial, verificamos que em Libras a relação de causa e consequência pode ser marcada por meio de conectivos ou por meio de uma junção, em que não necessariamente usado um conectivo. Dessa forma, essa possibilidade de não ter um conectivo para marcar a relação de causa e consequência nessa língua de sinais pode explicar a ausência de conectivos na interlíngua básica no processo de aquisição do português. Reiteramos a necessidade de se aprofundar essa questão em Libras.

Quanto às interlínguas dos informantes, identificamos dois grandes grupos. O grupo básico, formado por seis informantes, é caracterizado pelo uso mais frequente da ordem cronológica e por poucos usos correspondentes à língua-alvo dos conectivos *porque* e *por*

isso. O grupo avançado, por sua vez, constituído por três informantes, se caracteriza pelo uso totalmente correspondente das estruturas de causa e consequência do português.

Os demais informantes não se encaixaram em nenhum dos grupos. Verificamos que esta variação grande ocorre devido a se encontrarem em estágios bem distintos de aquisição.

Ressaltamos que a análise desenvolvida neste trabalho é uma investigação inicial. É necessário, ainda, aprofundar algumas questões sobre a causa e consequência em Libras, como o uso da juntura marcada, bem como realizar mais análises sobre as expressões de causa e consequência na interlíngua do surdo. No entanto, consideramos que o estudo aqui desenvolvido contribui para um melhor entendimento das estratégias utilizadas pelo surdo na aquisição do português-por-escrito e a interferência de sua L1, bem como contribui para o avanço do ensino da língua portuguesa a surdos.

A situação linguística atual do surdo, no que se refere à aquisição do português como segunda língua, evidencia as dificuldades do sistema escolar que utiliza metodologias de ensino inadequadas, em que para o surdo o português é ensinado como se fosse a sua primeira língua. Por isso, ainda encontramos surdos que passam anos sem saber o que é a língua portuguesa mesmo estando matriculados há um bom tempo na escola. Consequentemente, acabamos nos deparando com surdos que terminaram a educação básica e ainda assim apresentam uma produção escrita extremamente truncada e, às vezes, incompreensível. Observamos também que estes não apresentam um domínio das relações lógico-semânticas presentes na língua portuguesa. Do ponto de vista linguístico, essa falta de competência lógico-semântica na língua apresentada pelos surdos vinha sendo interpretada como uma deficiência cognitiva e possivelmente ainda acontece em algumas escolas, prejudicando assim o processo de inclusão do aluno surdo.

Este insucesso no processo de ensino de português ao surdo se deve à falta de programas mais efetivos de formação de professores de português para atuarem junto a esse público surdo. Assim sendo, é preciso investir em mais pesquisas a fim de verificar como é o processo de aquisição do português pelo surdo para poder desenvolver metodologias de ensino mais adequadas ao ensino de português-por-escrito a esse público particularmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. A. (2007) **Aquisição do sistema verbal do português-por-escrito pelos surdos**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas.

BECHARA, E. (2004) **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna.

CANÇADO, M. (2005) **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: UFMG.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (2001) **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Editora USP.

CHOMSKY, N. (1998) **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução: Lúcia Lobato; revisão: Mark Ridd, Brasília: UnB.

CRYSTAL, D. (1985) **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. (2001) **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DUCROT, O. (1977) **Dizer e não dizer. Princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix.

ELLIS, R. (1997) **The study second language acquisition**. Oxford: Oxford Univ Press.

_____ (1998). **Second language acquisition**. Oxford: Oxford Univ Press.

FARIA, S. P. de. (2001) **Interface da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (variante falada pela comunidade surda de Brasília) com a Língua Portuguesa e suas implicações**

no ensino de Português, como segunda língua para surdos. In: Revista Pesquisa Lingüística, Bsb: LIV.

FERNANDES, E. (2003) **Linguagem e surdez.** Porto Alegre: Artmed.

FERREIRA, I. A. (1997) Interface português/espanhol *in*: ALMEIDA-FILHO (org). **Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira.** Campinas: Pontes.

FERREIRA-BRITO, L. (1995) **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ.

FIGUEIRA, R.A. (1985) **Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança.** Tese de doutorado Campinas: Unicamp.

GIVÓN, T. (1984) **Syntax I.** Nova York: Academic Press.

GUARINELLO, A. C. (2007) **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.** São Paulo: Plexus.

GRANNIER, D. M. (2002) **Português-por-escrito para usuários de LIBRAS.** Rev. Integração Ano 14 – nº. 24/2002, pp.: 48-51.

_____ (2007). **A jornada lingüística do surdo da creche à universidade.** In: **Kleiman, A. B. & M. C. Cavalcanti (orgs.), Lingüística Aplicada: suas faces e interfaces.** Mercado de Letras, Campinas, pp.: 199-218.

GRANNIER-RODRIGUES, D. M. et al. (1984) (edição experimental). **Brazilian portuguese: your questions answered.** Manuais Unicamp 3. Unicamp. Campinas, 100 pp.

HALLIDAY, M. A. K. (2004) **An introduction to functional grammar.** 3. ed. London: Arnold.

KATO, M. (1990) **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática.

KOCH, I. G.V. (2002) **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez. 7 ed.

_____ (2007) **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto. 10.ed

_____ (2008) **A coesão textual**. São Paulo: Contexto. 21.ed.

KRASHEN, S. D. (1981) **Second language acquisition and second language learning**. Oxford: Pergamon.

LIMA, L. R. (2009) **Semântica da expressão de causa e consequência no português dos surdos**. Comunicação ao XII Congresso Internacional de Humanidades, Brasília.

_____ (2007) **Aquisição de verbos de direção/movimento do português por surdos**. Revista Intercâmbio. Disponível em: <http://www.onda.eti.br/revistaintercambio/conteudo/arquivos/1471.pdf>

LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. (2008) **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos.

MESQUITA, A. C. R. (2008) **A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras.

NEVES, M. H. M. (1997) **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2000) **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP.

OLIVEIRA, R. P. (2001) **Semântica formal: Uma breve introdução**. Campinas: Mercado de Letras.

QUADROS, R. M. (1997) **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto alegre: Artes Médicas.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. (2006) **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. (2004) **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. São Paulo: Artmed.

SALLES, H. M. M. L. de A. *et al* (2003) **Ensino de lingua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.

SANTOS, R. (2005) A aquisição da linguagem *in* FIORIN (org). **Introdução à linguística**. 4. ed. São Paulo: Contexto.

SCARPA, E. M. (2001) **Aquisição da Linguagem** *in*: Mussalin & Bentes (org) **Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras**. vol. 2, p. 203-232. São Paulo: Cortez Editora.

SAUSSURE, F. (2001) **Curso de linguística geral**. 23. ed. São Paulo: Cultrix.

SELINKER, L. (1972) Interlanguage *in*: Richards, J. C. **Error analysis: perspectives on second language acquisition**. Londres: Langmann.

SILVA, M. P. M. (2001) **Construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus Editora.

VIANNA, A. C. C. (2003). **Aquisição de português por surdos: estruturas de posse**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 144pp.

VOGT, C. (1989) **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec.

ANEXOS

Aquisição do Português-Portugês-Portugês Por Surdos

Pesquisadora responsável: Mestranda Layane Rodrigues de Lima (Programa de Pós-Graduação em Lingüística /LIP/UnB)

Universidade de Brasília – 70910-900 Brasília, DF – tel.: (61) 3307 2119, (61) 3307 2769

Prezado colaborador,

Esta pesquisa tem por objetivo descrever a aquisição do Português-Portugês-Portugês Por Surdos, tendo em vista a posterior adequação e confecção de materiais de ensino. Sua participação nessa pesquisa é essencial.

Dados Pessoais

1. Nome (opcional): _____
2. Idade: _____
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Em que cidade/região você mora? _____
5. Qual o seu grau de surdez?
() leve () severa () unilateral
() moderada () profunda () bilateral
6. Quando você ficou surdo (a)?
() nasceu surdo (a)
() tornou-se surdo (a) com a idade de _____ anos. Causa: _____
7. Você usa prótese? () sim () não
Em caso afirmativo, você usa a prótese de forma contínua? () sim () não
A prótese ajuda você a ouvir a fala das pessoas? () sim () não
8. Você só trabalha ou estuda? _____
Se você trabalha, qual é a sua função? _____
9. Na sua casa você vê televisão com closed caption? () sempre () nunca () às vezes
10. Você vê filmes/vídeos com legenda? () sempre () nunca () às vezes

Dados Lingüísticos

1. Quando você aprendeu LIBRAS? _____

2. Em que lugar você aprendeu LIBRAS?

Casa Escola Trabalho Outros: _____

3. Você acha que você conhece bem a LIBRAS? sim não mais ou menos

4. Qual a língua que você mais usa?

LIBRAS Português Oral Português-Portuguesa-Escrita

5. Sua família fala a LIBRAS? sim não às vezes

6. Em que situações você usa o Português-Portuguesa-Escrita?

Internet Celular

Trabalho Escola

Outros: _____

7. Você costuma ler? sim não às vezes

O que você costuma ler?

revistas jornais livros outros: _____

8. O que você costuma fazer nos finais de semana?

9. O que você fez no último fim de semana?

10. O que você pretende fazer nas próximas férias?

Aquisição do Português-Portugês-Portugês Por Surdos

Pesquisadora responsável: Mestranda Layane Rodrigues de Lima (Programa de Pós-Graduação em Linguística /LIP/UnB)

Universidade de Brasília – 70910-900 Brasília, DF – tel.: (61) 3307 2119, (61) 3307 2769

COLETA 3

Aluno (a): _____ Turma: _____

Data: _____

1 – A partir das situações abaixo, construa frases utilizando POR ISSO e PORQUE

a) O correio entregou uma carta na casa dela, mas ela não sabia ler. O que ela fez?

1- POR ISSO

2 – PORQUE

b) Um carro vinha correndo pela rua. Uma carroça resolveu atravessar na frente do carro. O que aconteceu?

1- POR ISSO

2 – PORQUE

c) Ela foi almoçar na casa de uma amiga. O macarrão estava salgado. O que ela fez?

1- POR ISSO

2 – PORQUE

d) Eles foram passear. De repente, começou a chover e ninguém tinha levado guarda-chuva. O que aconteceu?

1- POR ISSO

2 – PORQUE

2 – Complete as frases abaixo:

a) Perdi a tampa da caneta e por isso _____

b) Ontem choveu muito e por isso _____

c) Ele não fez a lição de casa e por isso _____

d) O café está muito quente e por isso _____

e) Ele estava correndo na escada e por isso _____

f) Estou com calor e por isso _____

g) Hoje faltou água em casa e por isso _____

Aquisição do Português-Portugês-Portugês Por Surdos

Pesquisadora responsável: Mestranda Layane Rodrigues de Lima (Programa de Pós-Graduação em Linguística /LIP/UnB)

Universidade de Brasília – 70910-900 Brasília, DF – tel.: (61) 3307 2119, (61) 3307 2769

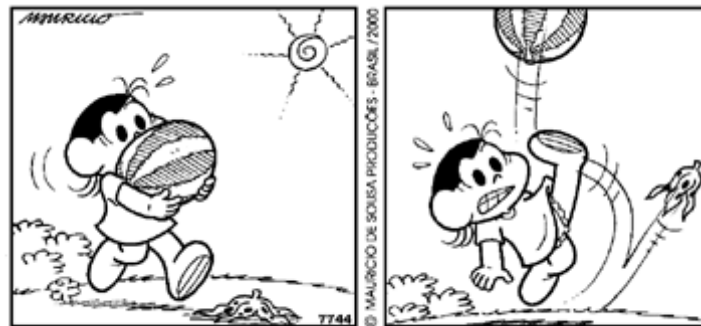
Nome: _____ Turma: _____

Data: _____

COLETA 4

1 – Observe as tirinhas abaixo e escreva o que você entendeu:





Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos

2 – Leia as situações abaixo e complete-as:

a') João faltou ao trabalho. Qual foi o motivo que levou João a faltar o trabalho?



a'') Agora complete a frase e use o **por isso** ou o **porque**:

i) João faltou ao trabalho _____.

ii) João dormiu demais _____.

b) O vaso de vidro quebrou-se. Qual foi o motivo de o vaso se quebrar?



b'') Agora preencha os espaços usando o **por isso** ou o **porque**

i) O vaso caiu _____ quebrou.

ii) O vaso quebrou _____ Maria esbarrou na mesa.

c) Garfield está com dor de barriga. Por que o gato está com dor de barriga?



c'') Agora complete a frase e use o **por isso** ou o **porque**:

i) Garfield está com dor de barriga

ii) Garfield comeu demais

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

O (A) senhor(a)/ seu (sua) filho(a) está sendo convidado a participar da pesquisa “**AS ESTRUTURAS DE CAUSA E CONSEQUÊNCIA NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS-POR-ESCRITO COMO SEGUNDA LÍNGUA PELOS SURDOS**” desenvolvida pela pesquisadora Mestranda Layane Rodrigues de Lima do Programa de Pós-Graduação em Linguística /LIP/UnB. Tal pesquisa visa analisar e discutir o processo de aquisição do Português-Por-Escrito pelos surdos. Destacamos a aquisição de estruturas que expressam causa/consequência em Português.

Justificativa

O português é geralmente a segunda língua (L2) dos indivíduos com surdez profunda. Conseqüentemente, a percepção do sentido e a produção escrita em Língua Portuguesa não são adquiridas espontaneamente como pelo ouvintes e, portanto, necessitam de ensino formal. Logo, o estudo das produções escritas em Língua Portuguesa pelos surdos ajudará a compreender o processo de aquisição dessa língua visando aplicação/produção futura de materiais didáticos mais adequados.

Objetivos e procedimentos (metodologia)

1. Coletas de textos produzidos em Libras: gravações com duração de aproximadamente 2 (dois) minutos;
2. Coleta de textos produzidos em Português-Por-Escrito: questionários e propostas de redação.

Garantia de esclarecimentos durante o curso da pesquisa

Será esclarecida durante a pesquisa a natureza dos procedimentos, bem como será assegurada a sua, ou a de seu(sua) filho(a), privacidade quanto aos dados confidenciais. Entretanto, ressaltamos que o (a) senhor(a)/ seu (sua) filho(a) pode recusar-se a responder determinada questão proposta ou desistir de participar da pesquisa.

Local e modo de divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados serão divulgados por meio da redação de uma dissertação de mestrado do LIP/PPGL até fevereiro de 2010, de comunicações em congressos e artigos científicos.

Guarda dos dados e material utilizado na pesquisa

Os dados ficarão guardados com a própria pesquisadora.

Contatos/Informações

Pesquisadora: Mestranda Layane Rodrigues de Lima, matrícula: 2009/27236. E-mail: layanel@gmail.com

Orientadora: Professora Dra. Daniele Marcelle Grannier, matrícula: 629898. E-mail: grannier@hotmail.com

Departamento de Lingüística, Português, Línguas Clássicas (LIP)

Programa de Pós-Graduação em Lingüística (PPGL)

Universidade de Brasília - ICC Norte Subsolo, Módulo 20 – 70910-900 Brasília, DF. –
Tel.: (61) 3307 2769 Fax 3273 3681 E-mail: ppgl@unb.br

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Pesquisadora: Mestranda Layane Rodrigues de Lima

DATA: / /

Assinatura do colaborador(a) ou responsável legal

DATA: / /

No caso de responsável legal, identifique seu (sua) filho(a):
